

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
IARTE- INSTITUTO DE ARTES
ARTES VISUAIS

VITOR SILVA GREVY

**OS SENTIDOS E CORPO, UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
ARTES VISUAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

UBERLÂNDIA
2022

VITOR SILVA GREVY

**OS SENTIDOS E CORPO, UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE
ARTES VISUAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (MG) Campus Santa Mônica - como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Roberta Maíra de Melo

UBERLÂNDIA
2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

G839 2022	<p>Grevy, Vitor Silva, 1989- Os sentidos e corpo, um material didático para o ensino de artes visuais na perspectiva da educação inclusiva [recurso eletrônico] / Vitor Silva Grevy. - 2022.</p> <p>Orientadora: Roberta Maira de Melo. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Artes Visuais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Artes. I. Melo, Roberta Maira de, 1971-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Artes Visuais. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 7</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

Banca examinadora:

Profa. Dra. Roberta Maira de Melo

Profa. Ma. Flaviane dos Santos Malaquias

Profa. Doutoranda Maria Carolina Rodrigues Boaventura

Profa. Dra. Patricia Andrea Soto Osses

“...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.” (SANTOS, 2003)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Arquitetura por me colocar em contato com a Arte.

Agradeço a Arte por ser possibilidade e muitas vezes espelho, dor, mas também cura.

Agradeço a toda minha família, pelo suporte.

Agradeço a todos professores com quem pude estar próximo e que agora de alguma forma me coloco ao lado, em especial a minha orientadora Roberta.

Agradeço a todos os amigos e amigas, sobretudo aos amigos artistas que compartilharam essa graduação e tudo que ela envolve, em especial Luísa Dantas.

Agradeço a UFU, a todos seus funcionários e os projetos de extensão que participei.

Agradeço a mim, ao meu corpo por não desistir de cavar mais buracos nessa jornada.

Agradeço sobretudo aos que foram e aos que virão e que dessa forma me permitirão continuar indo.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fomentar discussões sobre o ensino de artes visuais na perspectiva da educação inclusiva. Para a realização, primeiro contextualizo sobre o que é a educação inclusiva e como é aplicada, em seguida, falo sobre a BNCC para o ensino de e a abordagem triangular criada por Ana Mae Barbosa. Sigo com uma fala sobre o processo de ensino e aprendizagem em artes utilizando o corpo e os sentidos baseados na tese de doutorado de Ana Amália Barbosa e a dissertação de mestrado de Luiz Posca. Por fim, escrevo e apresento o material didático "O corpo e os sentidos" que tem como objetivo ser suporte para o professor e aluno durante o processo de ensino e aprendizagem de artes visuais para anos iniciais do Ensino Fundamental numa perspectiva inclusiva.

Palavras-chave: Material didático; educação inclusiva; ensino de artes visuais; o corpo e os sentidos.

ABSTRACT

This study aims to promote discussions about visual art's teaching and learning processes from the perspective of inclusive education. Firstly, I will define what inclusive education is and how it is currently applied. Then, I address the common national curriculum base and the triangular approach created by Ana Mae Barbosa. Afterwards, this study will cover the teaching and learning process in arts having the body and senses as instruments, based on Ana Amália Barsosa's PhD thesis and Luiz Posca's master's dissertation. Lastly, I developed and presented a didactic material that has as central instrument the body and its senses, which aims to support the teacher and the students during the learning process of visual arts for the early years of elementary school in an inclusive perspective.

Keywords: didactic material; inclusive education; teaching visual arts; the body and the senses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA	10
2. O MATERIAL DIDÁTICO	18
2.1 A ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DE ARTES	19
2.2 O MATERIAL DIDÁTICO E A BNCC EM ARTES	20
2.3 O CORPO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS	23
2.4 PROPOSTAS DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE EM MATERIAIS DIDÁTICOS	26
3. CONCLUSÃO	29
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
5. ANEXO – O CORPO E OS SENTIDOS, UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	33

INTRODUÇÃO

Para começar, preciso dizer do que eu não sei e nunca vou saber, alguns caminhos percorremos sem sentir o passo, talvez eu fale sobre um monte de coisa que eu saiba pouco, mas ainda assim busco saber.

Enquanto sujeito e futuro professor, busco pensar o que eu tenho a ver com educação inclusiva e porque esse assunto me toca. O primeiro contato que tive com o termo foi na disciplina de Estágio I onde eu, sem conhecer o que era educação inclusiva, resolvi atravessá-lo enquanto tema. Desde então tem sido um assunto de pesquisa ao qual valido a minha importância e atenção. Este trabalho é um convite que se estende ao leitor. Dessa forma, embrenho ao desafio de pensar um material didático para o ensino de arte visuais para anos iniciais do ensino fundamental numa perspectiva inclusiva.

A inclusão é assunto em crescente discussão, mas pouquíssimo tocado nos espaços da educação básica e principalmente no ensino superior. Há uma urgência de ser discutida e implementada de fato não somente nestes espaços, mas também nas práticas que permeiam os processos de ensino-aprendizagem.

Por se tratar de uma linguagem, o ensino de artes é uma forma de comunicação e expressão. Conseqüentemente, pode ser ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, auxiliando professores e alunos em seus processos de vida que se expandem para além da educação. O ensino de artes numa perspectiva inclusiva pode ser ponto de partida para uma troca aberta e generosa para a sociedade. Quando a inclusão é pensada a partir das nossas diferenças, e não apenas a partir do agrupamento de indivíduos semelhantes, dá-se oportunidade para a formação de uma sociedade menos excludente.

Dito isso, inicio o primeiro capítulo desta pesquisa focando em explicar e traduzir o conceito de Educação Inclusiva, usando como fonte o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), a Constituição, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Assim, fazendo uma análise

sobre o que é a educação inclusiva, qual sua importância, quem ela contempla e o que a ampara de forma teórica. Apresento também um panorama de experiências de pessoas que geralmente são excluídas de processos educacionais como as pessoas dissidentes de gênero, orientação sexual, classe, raça e portadoras de deficiência e para isso utilizo a pesquisa “O heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço escolar” produzida por Katharine Santos, Neff Vieira e Janaína Silva em 2021 e o Guia “Desigualdade racial na educação brasileira: um guia completo para entender e combater essa realidade” publicado em 2020 no Portal Geledés fundado por Sueli Carneiro. Neste capítulo também abro uma discussão sobre a realidade precária e a falta de investimento nas escolas brasileiras e finalizo pontuando, com a ajuda das estratégias de ensino compartilhadas por Ana Amália Barbosa, o que é necessário para a reestruturação do sistema educacional e a partir de qual ponto-referência a Educação Inclusiva deve ser pensada.

Já o segundo capítulo, focado apenas na construção do material didático, começa apontando que adaptação não é inclusão e informando que não é a partir da lógica normalizadora que devemos operar. Além disso, o capítulo é dividido em quatro subtópicos que juntos formam a base de construção para o material. A abordagem triangular, criada na década de 80 por Ana Mae Barbosa, é dissecada e utilizada como estrutura para o desenvolvimento das atividades. Além disso, utiliza-se, também, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para averiguar as habilidades exigidas para o componente “Arte” nos anos iniciais do Ensino Fundamental e acabo construindo uma crítica ao ensino polivalente em artes. A dissertação de mestrado “Material de apoio para o ensino básico de artes visuais para alunos deficientes visuais” produzida pelo professor Luís Muller Posca em 2017 e a tese de doutorado “Além do corpo: uma experiência em arte educação” de Ana Amália Tavares bastos Barbosa, produzida em 2012 são utilizadas para falar da importância da multissensorialidade e do corpo no processo de ensino-aprendizagem em artes. Por fim, antes da apresentação do material já concluído, algumas propostas e pontos relevantes para se desenvolver um material físico ou online que seja acessível são apresentadas, utilizando como base o “Manual da apresentação acessível” elaborado pelo Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal do Pampa e o informativo “Tipos de fonte e acessibilidade” feito pelo Centro Tecnológico de Acessibilidade do Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

1. EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Segundo o Relatório Mundial Sobre a Deficiência:

Estima-se que mais de um bilhão de pessoas vivam com alguma forma de deficiência, algo próximo de 15% da população mundial (baseado em estimativas da população mundial de 2010). Isso é mais alto do que as estimativas precedentes da Organização Mundial da Saúde, as quais datam de 1970 e sugerem aproximadamente 10%. (2011, p. 7).

No Brasil um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontado na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) levantou dados sobre a população vivendo com deficiência, de acordo com o site o globo:

O levantamento, ... conclui que há cerca de 17,3 milhões de pessoas (8,4% do total) com pelo menos um tipo de limitação relacionada às suas funções. Os dados expõem o abismo que existe entre a presença destes cidadãos nas escolas, faculdades e no mercado de trabalho em relação aqueles sem nenhum tipo de deficiência: 67,6% dessas pessoas não possuem instrução ou mesmo concluíram o Ensino Fundamental, contra 30,9% daqueles sem deficiência, número que já seria alto. (O GLOBO, 2021).

A educação inclusiva não contempla apenas pessoas com deficiência. Embora a conquista da implementação sobre educação inclusiva na lei brasileira venha da luta dessas pessoas, é preciso ressaltar que se trata também de acesso à educação para uma gama de indivíduos culturalmente e socialmente excluídos.

Portanto, pessoas com deficiência não são as únicas que se beneficiam da educação inclusiva. Deve-se considerar que a educação inclusiva ocorre para além dos sistemas tradicionais de ensino, seja na educação de jovens e adultos (EJA), nas escolas especiais - como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), escolas para surdos, - no ensino em zonas rurais, nas comunidades indígenas e quilombolas, na educação no campo e na educação carcerária dentre outros contextos possíveis de ensino-aprendizagem. Segundo o capítulo III da constituição:

CAPÍTULO III DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO Seção I DA EDUCAÇÃO

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. (BRASIL, 1988).

Assim como a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência de número 13.146 de julho de 2015 afirma que:

CAPÍTULO IV DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 1988).

Muitas outras normativas referente à educação como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em conformidade com Plano Nacional de Educação (PNE) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reafirmam o compromisso com uma educação inclusiva:

[...] Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

De forma particular, um planejamento com foco na equidade também exige um claro compromisso de reverter a situação de exclusão histórica que marginaliza grupos – como os povos indígenas originários e as populações das comunidades remanescentes de quilombos e demais afrodescendentes – e as pessoas que não puderam estudar ou completar sua escolaridade na idade própria. Igualmente, requer o compromisso com os alunos com deficiência, reconhecendo a necessidade de práticas pedagógicas inclusivas e de diferenciação curricular, conforme estabelecido na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015). (BRASIL, 2018, p. 14 e 15)

Ou seja, enquanto normativa, o Brasil assegura por diferentes documentos a preocupação e a promessa de que sejam garantidos os direitos, permanência e acessibilidade à educação a todas as pessoas. Apesar disso, a maneira que essas prerrogativas devem ser conduzidas, implementadas e praticadas na rotina escolar, nem sempre são colocadas de forma clara.

Pouco se fala de como professores e toda a comunidade escolar devem atuar para que a inclusão seja um direito garantido e acessado pelos alunos: quais práticas, metodologias, recursos e materiais estão disponíveis para professores e alunos.

A importância da garantia enquanto lei dessas normativas é clara. Porém, o foco do Estado parece ser em teorizar a educação inclusiva, ao invés de embrenhar nos detalhes da maneira de como deve ser conduzida e executada. Falta abranger detalhes como: as possibilidades de implementar a inclusão que seja condizente com a realidade das escolas brasileiras, onde tão pouco suporte, recursos e tecnologias são disponibilizados ao professor e aluno.

Dessa forma, longe de resolver estes problemas, e sem a pretensão de saná-los, o foco deste trabalho não é discutir, tampouco revisar as leis que garantem esses acessos, pois essas obrigatoriedades já existem. O objetivo deste estudo é trazer à discussão possibilidades para que o direito a uma educação inclusiva seja de fato executado no dia a dia do professor e aluno. Desta maneira, o trabalho tem por finalidade trazer um material que possa servir de base para professores de artes em suas práticas que evidenciem maneiras de se pensar a inclusão no processo de ensino-aprendizagem.

É comum que se confunda o termo educação inclusiva com educação especial. Enquanto na verdade, o termo inclusão é atrelado a um significado mais amplo, e diretamente relacionado ao acesso e permanência de todas as pessoas em todos os espaços da sociedade, começando pelas instituições de ensino e posteriormente para além dos muros das escolas.

Portanto, a educação inclusiva faz parte de processos para que todas as pessoas acessem uma educação com valor significativo, levando sempre em conta o respeito e a convivência. Nesse sentido, o público da educação inclusiva se estende a todos, não só pertencentes a grupos hegemônicos. Contempla também, e com o foco prioritário, aquelas pessoas que são excluídas de processos educacionais: pessoas dissidentes de gênero, orientação sexual, classe, raça, deficiências dentre outros parâmetros normalizadores.

Tendo em mente esses recortes, é importante analisar a experiência de todas as pessoas que fazem parte do sistema educacional de alguma forma. Para visualizar a educação na perspectiva de pessoas dissidentes de gênero e orientação sexual, a pesquisa “O heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço

escolar”, produzida por Katharine Santos, Neff Vieira e Janaína Silva em 2021, consta alguns dados quali-quantitativos que nos dá um panorama acerca desse tema. Nessa pesquisa 20 pessoas com idades entre 17-33 anos, de diferentes identificações étnico-raciais e que se identificam enquanto pessoas cisgêneras, transgêneras, travestis, não-binários, travestis não-binárias e não-identidade respondem algumas indagações sobre as violências sofridas dentro da escola/ensino básico. Em uma das indagações, metade dos/das participantes “havia experienciado violências que partiram tanto do corpo discente quanto do corpo docente de sua escola”. E quando perguntados para eles se a escola era um lugar de segurança, acolhimento e conforto, mais da metade (55,6%) responderam que não. Também é apontado que para 75% das pessoas analisadas, não houve mobilização da escola em casos de violência. O que indica, segundo a pesquisa, “que a falta de posicionamento é recorrente e, por vezes, no sentido contrário, é desastrosa” (2021, pg. 8). Em várias das respostas dissertativas sobre esse mecanismo de exclusão alguns participantes lembraram, a partir de falas que retomavam o recorte racial que “essa tática sociopolítica heteronormativa e cisgênera é também racista, oriunda de relações hegemônicas que sobrevivem ainda como estratégia de colonização do saber”.

A partir disso é importante entender o recorte de classe e raça dentro do sistema educacional e para isso o Guia “Desigualdade racial na educação brasileira: um Guia completo para entender e combater essa realidade”, publicado em 2020 no Portal Geledés - fundado por Sueli Carneiro - apresenta um compilado de dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que ajuda a compreender esse cenário educacional. Dentre eles, por exemplo, podemos identificar que “os negros representam 75,2% do grupo formado pelos 10% mais pobres do país” (2020), além de entender que, em 2018, “a taxa de analfabetismo entre a população negra era de 9,1%, cerca de cinco pontos percentuais superior à da população branca, de 3,9%” e “o percentual de jovens negros fora da escola chega a 19%, enquanto a de jovens brancos é de 12,5%”. Também, nos é apresentado no Guia os aspectos históricos do racismo no Brasil para compreender a origem e os motivos da perpetuação da desigualdade racial na educação, a Lei número 10639 de 2003 que estabelece obrigatoriedade de conteúdos sobre a cultura africana e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica, o impacto do racismo no acesso à escola e o papel da gestão escolar no combate à desigualdade racial (mais tarde, a Lei 10639/03 foi

ampliada dando origem à lei nº 11.645, de 2008 incluindo a obrigatoriedade de conteúdos sobre culturas indígenas, estabelecendo como exigência o estudo da história e cultura indígena junto a afro-brasileira nas instituições de ensino fundamental, públicos e particulares).

Vale ressaltar que embora a legislação coloque essa necessidade nas escolas da educação básica em todo currículo com ênfase especial para as áreas das Artes e da História. As universidades têm se esforçado para reorganizarem seus currículos, prova disso, é o curso de artes visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que no ano de 2019 alterou os componentes curriculares de algumas disciplinas para atender essa demanda.

Em suma, observamos que a escola estabelece uma relação de suporte para essa desigualdade racial, étnica e de gênero, além de assegurar a permanência do heteroterrorismo - termo criado por Berenice Bento (2011). Segundo o Guia, “a seleção e estruturação dos conteúdos escolares foi organizada por uma perspectiva eurocentrada, na qual a visão da população branca foi priorizada em detrimento das outras etnias e culturas”, e aqui percebemos que não apenas a visão da população branca, mas também da população cis, hétero e não portadora de deficiência.

Outro apontamento do Guia que atravessa a pesquisa que aqui escrevo, são as soluções de gestão para o combate à desigualdade racial na educação, desses mecanismos: diálogo e valorização da cultura negra, oficinas e exposições extraclasse para o combate ao preconceito, participação estudantil como ferramenta de motivação e representações negra na literatura e nos desenhos animados são apresentados para esse combate. Mecanismos esses que estão presentes e que auxiliam na produção de uma educação inclusiva. Porque é só a partir de um preparo aprofundado dos docentes; diálogos abertos e respeitosos; oficinas, materiais didáticos e exposições extraclasse produzidas para todos e por todos; incentivo à participação estudantil e; representações de pessoas pretas, pardas, amarelas, indígenas, pessoas com deficiência (PCD), dissidentes de gênero e orientação sexual na literatura, desenhos animados, filmes, novelas e vida que o sistema educacional e a escola se tornarão ambientes possíveis de existências de vidas outras.

Dessa forma, fica evidente que a educação inclusiva pensa:

[..] uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada. (BRASIL, 2001, p. 40 apud CAMARGO, 2017, p. 2)

Assim fica claro que a educação inclusiva não exclui sujeitos, mas os coloca juntos a todos, convivendo e aprendendo juntos a partir das diferenças, tendo o professor e o aluno o papel de mediar o ensino e a aprendizagem objetivando essa reestruturação do sistema educacional.

Sabemos que mudar é necessário e desejado, mas é também muito complexo quando pensamos nas realidades das escolas brasileiras, onde a precariedade e falta de investimento andam juntas. Muitas das escolas no país sequer são acessíveis a pessoas cadeirantes, quem dirá quando pensamos em materiais, recursos, espaços, metodologias e tecnologias para que o aprendizado aconteça de forma próspera ao ponto de poder proporcionar a todos seus alunos experiências significativas.

Para a reestruturação do sistema educacional é necessário que alunos e professores tenham à mão ferramentas que possibilitem autonomia e acessibilidade para que possam ser ativos dentro da comunidade escolar. Assim, ao passo em que são transformados pela educação também poderão agir transformando-a, e nesses movimentos, as estruturas possam ser colocadas em constantes questionamentos e mudanças.

Outro ponto importante de se ressaltar é que a educação inclusiva deve ser pensada a partir das diferenças, entendendo que a diferença enquanto conceito é uma qualidade que faz de cada ser humano único. Portanto, não deve ser expressada por critérios capacitistas como uma deficiência. A educação inclusiva é mais abrangente e interior, age de dentro para fora e não estabelece normas ou padrões. Ela desorganiza hierarquias e pensamentos comumente colocados. Nesse sentido, reduzir a diferença a uma categoria ou grupo de pessoas é o mesmo que excluir. Já

que diferença é uma qualidade que todos tem, porque tentar, a todo tempo, categorizá-las?

É importante evidenciar que trabalhar com as diferenças de um todo ou de cada um é um ato coletivo, principalmente na educação, que exige o desprendimento de um olhar rígido. É um trabalho onde o professor e aluno para além de mediadores do ensino e aprendizagem, são agentes e trabalham em cooperação, construindo. São processos abertos que se iniciam, mas não se findam e nem tem o mesmo objetivo para todos.

Trabalhar com as diferenças é pensar em um ensino inclusivo de artes que não tenha por critério focar nas dificuldades ou em um padrão de aluno e sim nas possibilidades de cada um. Muitas vezes este padrão é baseado em avaliações quantitativas e julgado por critérios normativos de aprendizagem baseado em um único modelo de aluno ideal. Portanto, é necessário possibilitar processos de aprendizagem onde o aluno seja capaz de descobrir seu próprio processo de aprendizagem e suas potencialidades.

Por isso, é necessário humanizar tanto o aluno quanto o professor. Este não tem controle de tudo que acontece numa sala de aula e principalmente do que o aluno vai aprender. Não é ele que delimita o quanto ou quando um aluno é capaz de aprender. É preciso também desconstruir a imagem de um aluno “padrão” ou “normal” e entender que mesmo pessoas com as mesmas habilidades não vão produzir os mesmos resultados.

Um ponto que elucida essa questão é quando Ana Amália Barbosa compartilha a suas estratégias de ensino relatando sua experiência enquanto professora de artes numa ONG que lecionava para crianças com paralisia cerebral:

[...] a melhor atitude pedagógica é alternar atividades muito simples com outras de mais alta complexidade pois a capacidade cognitiva da criança filtra aquilo que pode aprender.

Eu garantia a mobilização cognitiva com as atividades muito simples, como colocar cores diferentes com um pincel no papel, uma experiência que todos podiam processar, porém com a ida aos espaços culturais proporcionava experiências mais complexas que não sabia até onde nem o que eles poderiam processar. A ideia era garantir o mínimo e ousar o máximo, nunca

nivelar por baixo com a desculpa de que eles não entendem. (BARBOSA, 2012, p.12)

É preciso reforçar que a maneira como aprendemos nem sempre é igual, pois não há um padrão de normalidade quando se fala de aprendizagem. Dessa maneira, é possível afirmar que não existe um padrão de normalidade de ensino, portanto o professor não deve ensinar todos os seus alunos da mesma maneira. Incluir significa mudar. É necessário que tenhamos à mão mais de uma estratégia pedagógica para conseguir de fato incluir todos os alunos dentro de um mesmo processo de ensino e aprendizagem.

É preciso que, enquanto sujeitos pensando e agindo com a inclusão, tenhamos um olhar flexível levando em conta a própria individualidade e compreendendo a do outro. É preciso reconfigurar nossas práticas com um olhar mais humano e entender que pensar a inclusão a partir das nossas diferenças reivindica a liberdade de não sermos estáticos na profissão de professor.

2. MATERIAL DIDÁTICO

Adaptar não é incluir, pensar um material didático para o ensino de artes requer essa primeira atenção. De certa maneira, na prática de professores de qualquer área, o planejamento de uma aula é sempre colocado como algo fixo para alunos “comuns”, e a depender do contexto ou do aluno esse material é adaptado. Reforço que adaptar não é incluir pois desde o princípio, numa lógica discursiva subentende-se que há algo pré-estabelecido para um padrão ideal e há algo que pode ser adaptado para alguém. Essa lógica normalizadora não deve ser a lógica com a qual devemos operar.

Pensar a inclusão e um material inclusivo é pensar essa prerrogativa antes mesmo do planejamento. É pensar um material que possa ser explorado de diversas maneiras e não adaptado, pensado a partir das diferenças e também das possibilidades incluindo planejamento, tema, materiais, recursos, atividades, formas comunicação, até suas práticas e formas de desdobramento.

Em adaptações de conteúdo é possível observar que há sempre uma perda. Geralmente atividades adaptadas tendem a ser mais fáceis, níveis de complexidade mais baixos e objetivos muito definidos onde o aluno não consegue sequer explorar outras possibilidades dentro da mesma proposição. Adaptar, neste contexto, por si só é uma palavra que denuncia um processo de exclusão.

Penso esse material didático desde o início tentando ser o mais inclusivo deixando lacunas para que ele possa ser explorado de outras maneiras ou que se desdobre para outros caminhos e possibilidades por professores e alunos. Desde a escolha da fonte até a diagramação, uso das cores e demais enfrentamentos que fui encontrando ao longo da pesquisa, concluo que pequenas mudanças geram mais autonomia ao aluno facilitando o seu processo de aprendizagem.

Num outro ponto trabalho em sintonia com a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa com desejo e a certeza que o aprendizado para além dos processos cognitivos ele também é percebido, absorvido e sentido pelo corpo.

Cabe incluir que este material didático foi pensado para os anos iniciais do ensino fundamental, para ser trabalhado ao longo de um semestre dentro de um projeto que tem como tema central o corpo e os sentidos. O material está disponibilizado após as referências bibliográficas em forma de anexo.

2.1 A ABORDAGEM TRIANGULAR NO ENSINO DE ARTES

A abordagem triangular ou proposta triangular foi criada pela professora Ana Mae Barbosa na década de 80. Ela buscou sistematizar o ensino de artes a partir de três eixos que se interrelacionam com o intento de melhorar a arte educação no país, o que sem dúvidas mudou.

Ela entende que a arte vai muito além da estética ou da criatividade e nesse sentido viu na arte uma forma de aprender e ensinar com um olhar crítico, reflexivo, coletivo e significativo.

Em suma, a proposta triangular é uma abordagem capaz de colocar o sujeito, aluno ou professor, face ao processo de construção de conhecimento e ensino-aprendizagem. Em síntese, trabalha com três pontos que, de maneiras flexíveis, cabe ao educador a forma, ordem e como abordá-los. Os pontos são a contextualização, a apreciação, fruição ou leitura de imagem e o fazer ou a produção. Dessa maneira é possível proporcionar uma interação e interdisciplinaridade com diferentes áreas do saber.

Quanto à ordem é importante colocar que: “as atividades realizadas por meio da Abordagem Triangular podem ser desenvolvidas de acordo com a forma que o/a professor/a deseja realizá-las” (BALISCEI, STEIN, ÁLVARES, 2018, p.412). Conforme os autores explicam ao se referir a Ana Mae Barbosa (1998):

[...] o/a professor/a pode escolher por qual ação prefere iniciar a Abordagem Triangular, desde que realize e integre todos os componentes. Assim, os três eixos (...) precisam ser trabalhados de forma conjunta e nenhum deles pode ser favorecido em detrimento dos outros, pois eles se complementam, e, juntos, possibilitam o desenvolvimento do/a aluno/a (BARBOSA, 1998, p.40 apud BALISCEI, STEIN, ÁLVARES, 2018, p.412).

Como já mencionado, um dos vértices do triângulo é composto pela contextualização. Nesse momento é importante que o professor entenda e coloque a produção artística como uma manifestação histórica e cultural, cabendo ao educador trazer à tona o contexto de produção do trabalho. Nesse sentido há diversas maneiras de se contextualizar, seja em relação à história da arte, a vida do artista, o contexto sócio cultural político e histórico da época... Estabelecendo então os pontos que serão necessários para o melhor entendimento de como e em que contexto a obra foi produzida.

Já no outro vértice, o da apreciação ou leitura de imagem coloca o sujeito frente ao trabalho. É um processo crítico reflexivo em que o aluno vai desenvolver o seu olhar sobre o trabalho. Nesse eixo é estimulado que o observador tenha domínio dos códigos, das relações formais, simbólicas e subjetivas com que deposita seu olhar sobre o trabalho. Nessa interação, uma série de relações entre o sujeito e a obra são colocadas, como o significado e a narrativa que ele atribui a ela. O sujeito torna-se então autor da obra por mobilizar seus conhecimentos e articular suas ideias a partir da mesma.

No terceiro vértice, o fazer ou produzir, é onde está o desenvolvimento do processo criativo, o fazer de fato. Nele, o aluno se coloca como autor tendo a necessidade de utilizar a compreensão e consciência da linguagem, técnicas e materialidades para articular seu pensamento e criações artísticas desenvolvendo um trabalho sensível crítico através da poética.

Para Ana Mae, aprender arte por meio da arte é aprender de uma forma significativa crítica e transformadora que possibilita e auxilia os alunos a desenvolver diversas habilidades como interpretação, criatividade, inteligência racional e motora de forma a beneficiá-los em outras áreas do conhecimento.

2.2 O MATERIAL DIDÁTICO E A BNCC EM ARTES

Este material foi pensado para alunos do Ensino Fundamental nos anos iniciais. Este período na educação básica é compreendido entre o 1º e o 5º ano, um momento

de transição do ensino infantil para o ensino fundamental onde também se inicia o processo de alfabetização, segundo a BNCC essa transição:

requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2018, p.53)

A BNCC, para o ensino fundamental, atrela as artes às áreas do conhecimento de linguagens, ficando então em um subgrupo, componentes curriculares, a língua portuguesa, arte e educação física. Dentro do componente “arte”, estão agrupadas cinco unidades temáticas: artes visuais, dança, música, teatro e artes integradas. Dentro da unidade existe o campo de objetos do conhecimento que juntos totalizam um total de nove tópicos: contextos e práticas; elementos da linguagem; matrizes estéticas e culturais; materialidades; processos de criação; sistemas da linguagem; notação e registro musical; patrimônio cultural e; arte e tecnologia. Para cada objeto do conhecimento é designada uma ou mais habilidades que devem ser trabalhadas pelo professor em sala de aula.

Em concordância com a Base o material didático foi pensado para trabalhar as seguintes habilidades:

Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).

...

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

...

Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

...

Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

...
Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística. (BRASIL, 2018, p.201 e 203).

Cabe esclarecer que o material didático foi pensado dentro do tema corpo e sentidos, que embora este tema seja compatível com qualquer linguagem artística ele é voltado para o ensino de artes visuais, em algum momento do material é invocado a performance, o som, o movimento, a dança, e dessa forma ele dialoga com as outras linguagens artísticas, porém não dá conta do ensino e aprendizagem das especificidades dessas linguagens.

Enquanto professor de artes visuais, é incabível e até desonesto, exigir que o professor de artes seja quatro em um, haja vista, pelo menos na Universidade Federal de Uberlândia, no curso de artes visuais, que o tempo mínimo é de quatro anos para conclusão da graduação, durante esse tempo, estudamos, aprendemos, praticamos, pesquisamos e nos formamos em apenas uma linguagem para exercer a docência em uma linguagem.

Fora isso, outras coisas são questionadas, por exemplo, o que eu enquanto artista visual posso ensinar sobre as especificidades da dança, do teatro ou da música, quem vai me dar essa formação para atuar como professor de todas áreas das artes? O Estado? O mesmo que me diz que regulamenta uma carga horária semanal pequena para artes, que nos incumbe dar conta de quatro graduações, que não nos dá apoio, material, nem espaço físico para trabalhar? Na realidade das escolas públicas é percebido uma carência de materiais para o ensino de artes visuais, numa situação hipotética e utópica, ainda que fosse disponibilizado ao professor de artes instrumentos musicais o que seria possível eu ensinar?

Por mais que existam ciclos, especializações e formação continuada, o Estado nos obriga a lecionar quatro linguagens e fala de um professor polivalente, mas não nos dá os outros três diplomas que ele exige que exerçamos. Isso sem contar, e nem vamos entrar nesse assunto, nos casos em que professores de arte dão aula sem nem ter uma licenciatura em determinada linguagem.

2.3 O CORPO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS

A BNCC entende e coloca para o ensino de artes dos anos iniciais do ensino fundamental que:

uma vez que os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva.” (BRASIL, 2018, p. 195)

Neste trecho fica evidente a forma como a Base encara a linguagem, o corpo e o aprendizado. Posto isso, é interessante pensar que todo processo de aprendizagem perpassa pelo corpo em sua completude e em todos os seus sentidos.

O professor Luís Muller Posca em sua dissertação de mestrado “Material de apoio para o ensino básico de artes visuais para alunos deficientes visuais” (2017) relata sua experiência de ensino com alunos cegos, ele nos diz sobre a criação de um método didático pedagógico para apreciação e fruição de arte para pessoas cegas ou baixa visão, nesse sentido ele defende que:

por intermédio de um método de ensino com pranchas táteis juntamente da sinestesia (fenômeno que provoca reações multissensoriais, misturando mais de um sentido diante de um objeto de análise), é possível que o aluno não visual possa apreciar obras de artes visuais.” (POSCA, 2017, p.6)

Ao invocar a sinestesia para apreciação de obras de arte, Posca associa o uso da prancha tátil a uma situação que explora a multissensorialidade. Dessa forma ele indica que ao apresentar uma obra, devemos recorrer ao uso de todos os sentidos. No caso dele, que trabalhou com o artista Van Gogh e a obra Girassóis, no momento de apreciação da obra além de verbalizar e contextualizar a obra com uma descrição detalhada ele também disponibilizou a prancha tátil, acionou a audição com música, ao olfato com spray com essência de girassol, e o paladar com balas de mel.

Outra arte educadora que também trago a tona para pensar a educação inclusiva e como o corpo é potência para ser incluído no processo de ensino-aprendizagem, é a professora e artista Ana Amália Tavares Bastos Barbosa. Na sua tese de doutorado “Além do corpo: uma experiência em arte educação” (2012) ela

narra a experiência como professora de artes na Associação Nosso Sonho com um grupo de crianças de sete a nove anos com paralisia cerebral.

Barbosa (2012, p.12) coloca que, apesar de poucos saberem, “o site E-HOW procura mostrar o que os professores devem saber sobre Paralisia Cerebral” E que no mesmo site, “o Dr. Greene no artigo *Cerebral Palsy Source: Teaching*, diz que 75% das crianças com paralisia cerebral têm a inteligência normal.”. Nas suas aulas seu objetivo era estimular a sensibilidade proprioceptiva e a sensibilidade exteroceptiva. Barbosa (2012, p.9) pontua também que, para Nitrini, existem os sistemas proprioceptivo, exteroceptivo, interperceptivo de sensibilidade, sendo assim:

Os sistemas exteroceptivos, são responsáveis pela sensibilidade a estímulos externos e incluem a visão, a audição, a sensibilidade cutânea, o olfato e o paladar. Os sistemas proprioceptivos relacionam-se às noções de posição do corpo no espaço e dos segmentos do corpo em relação aos demais. Os sistemas interoceptivos responsabilizam-se pela sensibilidade a estímulos provenientes de vísceras, vasos sanguíneos e outras estruturas internas. (NITRINI, 1997, p.12 apud BARBOSA, 2012, p.9)

Ana Amália Barbosa parte de sua experiência pessoal com o processo de reabilitação devido a um acidente vascular cerebral (AVC) que a deixou tetraplégica. Em um dado momento da sua tese (2012 p. 10), coloca: “Eu tinha que estimular as percepções sensorial, corporal e espacial nas crianças. Elas precisam ter domínio do próprio corpo, apesar de ele ser manipulado por outros. Esse é o princípio da autonomia!”. Nesse sentido a professora desenvolve diversas atividades em que traz o corpo para o processo de ensino aprendizagem em sintonia com a metodologia da abordagem triangular que, para a autora:

[...] inter-relaciona a arte como expressão, como cultura e fenômeno social através do fazer artístico que leva a organização do pensamento, ao desenvolvimento da percepção visual e no caso do meu trabalho leva a percepção do corpo por inteiro, além de explorar o contexto no qual se vive e se cria. (BARBOSA, 2012 p.120)

A partir disso, a professora relata uma quantidade significativa de atividades apresentando a forma, os conteúdos e os contextos de como foram exploradas na sala de aula em outros espaços, além da grande diversidade de materiais com que trabalha e das diferentes formas com que se apropriou.

Ao colocar o corpo como parte do processo de ensino aprendizagem Barbosa (2012, p.131) ressalta “Através da ativação da percepção sempre tive em mente o desenvolvimento não apenas da percepção ocularcentrista, mas da percepção total, de todo o corpo, visual, kinética, tátil, espacial e gustativa.”. Salientando que embora a percepção visual seja a mais valorizada no meio da arte educação ela no seu fazer contrariava esta afirmação.

O ver que procuro desenvolver em meus alunos abarca todos os sentidos, é um ver que desenvolve o comportamento criativo sem que isso seja uma obrigação, desenvolve a inteligência e a capacidade de múltiplas formas de pensar [...] (BARBOSA, 2012, p.132).

Nesse sentido aproximo o pensamento de Ana Amália Barbosa ao do professor Luís Posca para pensar o ensino de artes numa perspectiva inclusiva ao lado da afirmação do artista Hélio Oiticica que coloca: “Para transformar comportamento, apelar apenas para a visão não seria suficiente. Comportamento e pensamento caminham juntos e pensamento se faz com o corpo todo” (BRAGA, 2011, p.264 apud Helio Oiticica apud BARBOSA, 2012 p. 132).

Mediante a isso acrescento que, como estratégia de ensino de artes, para obter um material didático inclusivo tenho que trabalhar com um tema que permita a exploração dos sentidos e do corpo, por todos os corpos de diferentes maneiras. Acredito, novamente, que todo processo de aprendizagem é sensorial e cognitivo perpassado e sentido pelo corpo, pois através dele que mediamos nossos processos de vida, é o corpo que ao longo do tempo absorve tudo o que fomos, somos e ainda podemos ser. É nele que se inicia e encerra o limite das nossas similaridades e principalmente das nossas diferenças que são apontadas na relação entre um eu e o outro ou entre o eu e o nós.

Dessa maneira penso que temas que aguçam nossos sentidos e que possam ser percebidos por todas as pessoas, deveriam ser temas que se iniciam, mas não se findam. Tais temas que nos permitem extrapolar os limites de um conceito. Considerei temas que fossem prósperos, como as plantas, a comida, uma determinada festa, mas por fim decidi trabalhar com o corpo.

Assim como Ana Amália Barbosa já disse, localizo-me pensando que é fundamental, sobretudo para crianças, desenvolver um conhecimento sobre o próprio corpo, e a forma como nos aterramos a ele vai nos dar autonomia.

Pensando no público para o qual elaborei o material didático, alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental, é demasiadamente importante que estimulemos essa consciência corpórea, assim como apreensão e conhecimento dos sentidos e os limites entre o nosso corpo e o corpo do outro.

Dessa forma, elaborei este material tendo o corpo como tema, materialidade para o ensino, e para o próprio fazer artístico.

2.4 PROPOSTAS DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE EM MATERIAIS DIDÁTICOS

Ao longo da pesquisa me deparei com diversas situações, ao pesquisar sobre materiais didáticos e acessibilidade vi muitas informações que me ajudaram a pensar o material, a Luísa Dantas foi quem fez a diagramação e layout das páginas, seu trabalho foi de suma importância para a conclusão deste trabalho.

Abaixo elenco alguns pontos relevantes que devem ser pensados para que uma apresentação em forma de slides ou um material físico seja mais acessível em que grande parte foi retirada do material “Manual da apresentação acessível” elaborado pelo Núcleo de inclusão e acessibilidade da Universidade Federal do Pampa e “Tipos de fonte e acessibilidade” do Centro Tecnológico de Acessibilidade do Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

- Utilizar texto com uma linguagem acessível a seu público com cinco a seis palavras por linha;

- Usar todos os textos alinhado num mesmo sentido de preferência alinhado à esquerda;

- Procure não usar mais que um tipo de fonte, sendo ideal não utilizar em itálico. Geralmente as fontes comuns indica-se que utilize fonte sem serifa como a Verdana ou Arial, porém já foram desenvolvidas fontes específicas para usuários com doenças

específicas como a *Open Dyslexic* (esta fonte tem caracteres com um formato diferenciado, específico para melhorar a leitura de pessoas com dislexia, evitando causar confusão) e a APhont (desenvolvida para pessoas com baixa visão e doenças na retina a fim de proporcionar mais conforto na leitura, esta fonte possui cauda mais longa em letras como Q, G, J e Y). Vale ressaltar que embora as fontes Open Dyslexic e APhont foram desenvolvidas pensando a acessibilidade para determinadas especificidades é necessário ela seja baixada;

- Não utilizar o texto todo em caracteres maiúsculos;
- Evitar uso de letra cursiva ou decorada;
- Evitar textos animados que se movem ou piscam;
- Utilizar o texto real ao invés de imagem;
- Quando utilizar imagens legenda-las;
- Colocar título em todas as páginas;
- Pensar uma diagramação de forma organizada que converse com os restantes das páginas, isso garante continuidade ao leitor.
- Uso de figuras e gráficos deve ser o mais simples possível, caso seja necessário, o interessante é refazer uma tabela ou gráfico de forma que fique mais claro e evidente o ponto que quer ser levantado.
- No que se refere ao uso de cores o importante é que elas tenham um contraste grande entre relação a matiz, saturação e luminosidade. Dessa maneira o melhor é preto e branco ou o uso de cores complementares para texto e fundo. Existe um site o <https://contrastchecker.com/> onde é possível testar o contraste entre o primeiro e segundo plano está aprovado no que diz respeito há seis parâmetros, são eles: contraste mínimo para fontes abaixo de 18 pontos; contraste aprimorado para fontes abaixo de 18 pontos; contraste mínimo para fontes acima de 18 pontos; contraste aprimorado para fontes acima de 18 pontos; brilho e diferença de cor e, por fim, escala de cinza. No site é possível observar que a depender das cores, sendo complementares ou não, ainda é possível ser aprovado em todos os quesitos.

- Quando utilizar cores checar é importante conferir tirar a saturação da página e ver se a imagem ainda consegue ser lida sem dificuldade;

- Usar um título em cada página;

- Evitar o uso de mais de uma fonte por página;

- Embora tenha essa quantidade de prerrogativas, ainda assim vale o esforço para que se monte um material respeitando esses pontos que tenha uma estética agradável, organizada e visualmente interessante. Além de que diversos pontos que foram pontuados colocam que devem ser evitados e não que não possam ser utilizados.

3. CONCLUSÃO

Para concluir, embora a educação inclusiva seja um direito garantido uma conquista para todos cidadãos ainda devemos nos questionar se de fato ela ocorre, a inclusão é um tema que ainda carece de discussões em diversos espaços, tenho certo que não basta ter apenas uma educação inclusiva é preciso que essas pautas sejam levantadas e implementadas nas demais áreas da vida em sociedade. Afinal se nos questionarmos veremos que a inclusão está presente em poucos espaços da vida em sociedade, seja nas escolas, no trabalho, na saúde, nos espaços públicos, na política, nos serviços, nos comércios dentre outros.

Dessa maneira pontuo que embora a inclusão não seja apenas um dever da educação acredito que base para uma sociedade inclusiva e de fato democrática está na educação, é ali que todo sujeito começa a vivenciar e experimentar a vida no coletivo.

Como foi apresentado no decorrer do trabalho e falando do ensino é possível afirmar que embora tenhamos caminhado muito ainda há um grande percurso pela frente, é preciso investir na educação, nas escolas, nos professores e nos alunos, é preciso que acreditemos que é possível para embrenharmos na luta e no desafio para inclusão de todos.

É sabido que a escola diversas vezes não é um ambiente acessível para todos, assim como não é um ambiente que concede a permanência de todos, isso fica evidente a cada notícia de bullying que não é somente praticado pelos discentes, mas também entre a comunidade escolar prova disso é a pesquisa realizada por Santos, Viera e Silva (2021) que afirma que a violência de gênero e orientação sexual vem tanto de alunos tanto quanto do corpo docente. Posto isso, é preciso investir no preparo de todos os profissionais que atuam nas escolas e que também discutamos para que possamos implementar atitudes e comportamentos rumo à inclusão escolar.

Uma medida interessante que poderia ser adotada pelas escolas nesse sentido seria fazer pesquisas para definir indicadores de inclusão de forma a avaliar e reavaliar esses indicadores num processo constante, dessa maneira seria possível executar

mudanças que de fato gerem impacto na qualidade do ambiente escolar, seja instalando uma barra de acessibilidade, ou incluindo o nome social na chamada, um tendo a semana da luta antirracista dentre outras maneiras que por ventura atenderiam as necessidades dos alunos. Afinal não basta um professor dentro da sala de aula mudar, é preciso que a escola se reordene, movimente o próprio sistema.

Além disso sabemos que não basta uma equipe alinhada com a inclusão, se tratando do ensino, em qualquer disciplina, mas sobretudo na de artes, é necessário investimentos em recursos, tecnologias, materiais, infraestrutura, professores de apoio e suporte para que o professor consiga exercer seu papel com qualidade e de fato proporcionar a inclusão no seu fazer.

Se tratando do material didático criado para o ensino de artes visuais para os anos iniciais do ensino fundamental, Os sentidos e o corpo, ele pode ser explorado, experimentado de diferentes maneiras e contextos, pode ser suporte para a discussão de temas como que envolvam raças, etnias, gênero, orientação sexual, pois esses assuntos são perpassados pelo corpo. Assim como este material possa ser trabalhado em interdisciplinaridade com outras disciplinas como a biologia, a história, ciências, matemática, física dentre outras. Para além do que coloco é válido lembrar que esse material não se finda nele, através dele juntamente com o professor é possível traçar novas perspectivas onde se faça possível utilizá-lo também no ensino infantil, ensino fundamental anos finais e ensino médio.

Para finalmente concluir afirmo o corpo como potência, capacidade e suporte para o ensino de artes numa perspectiva inclusiva, a inclusão perpassa pelo conhecimento de si e do outro, dos nossos corpos e dos outros, dos sentidos, das similaridades e essencialmente das diferenças. Assim como eu desconheço um corpo que não sente, com igualdade também desconheço, um corpo que seja corpo sozinho. Aluno, professor, escola, corpo, ensino, aprendizagem e inclusão são construções, conceitos, devires que só existem no coletivo.

4. REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius; ALVARES, Daniele Luzia Flach. Conhecendo o *Image Watching* e a Abordagem Triangular: reflexões sobre as imagens da arte no ensino fundamental. **Contexto & Educação**, Editora Unijuí, Ano 33, nº 104, p. 395-416, Jan./Abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2018.104.305-416>

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. **Além do corpo**: uma experiência em arte/educação. 2012. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012. <https://doi.org/10.11606/T.27.2012.tde-22052013-164504>

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2015.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Censo Demográfico de 2020 e o mapeamento das pessoas com deficiência no Brasil**. Brasília, DF, 2019.

CAMARGO, Eder Pires de. **Ciência & Educação (Bauru) [editorial]**. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. 2017; v. 23, n. 1, p. 1-6. <https://doi.org/10.1590/1516-731320170010001>

GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mário Lúcio de Lima. Política Educacionais e a Formação de Professores para a Educação Inclusiva no Brasil. **Comunicações**. Caderno do Programa de Pós-Graduação em Educação. Ano 10, nº1. Jun. 2003. <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v10n1p134-141>

LEAL, Arthur. Quase 70% das pessoas com deficiência no Brasil não concluíram o ensino fundamental, e apenas 5% terminaram a faculdade. **O Globo**, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/quase-70-das-pessoas-com-deficiencia-no-brasil-nao-concluiram-ensino-fundamental-apenas-5-terminaram-faculdade-25170593>. Acesso em: 27/03/2022.

MARQUES, Walter Rodrigues; SILVA, Vânia Pimentel; SOUSA, Ângela Ribeiro Casas Nova de; VIANA, Marília Cristine Valente; SOUSA, Aline Ribeiro Casas de Nova de; SANTOS, Eliane Cristina Leite dos; MACIEL, Sílvia Helena; DUTRA, Sílvia Teresa de Jesus Pereira. A polivalência como banalização da educação no ensino de arte e

políticas públicas: como ser 4 em 1?. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.3, p. 29822-29841, mar. 2021. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-617>

NÚCLEO DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE. **Manual de Apresentação Acessível**. Universidade Federal do Pampa. Rio Grande do Sul, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial Sobre a Deficiência**. 2011. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

PORTAL GELEDÉS. Desigualdade racial na educação brasileira: um guia completo para entender e combater essa realidade. **Geledés Instituto da Mulher Negra**, 2020. Disponível em: https://www.geledes.org.br/desigualdade-racial-na-educacao-brasileira-um-guia-completo-para-entender-e-combater-essa-realidade/?gclid=CjwKCAjwloCSBhAeEiwA3hVo_cTGoZy2eqsyU_xHmxV8VkahacdyI8W9Ycf8KoYeE9gYGfTbRyQ2hoCAQ8QAvD_BwE. Acesso em: 27/03/2022.

POSCA, Luís Müller. **Aluno deficiente visual e a aula de arte**: aplicação de um método tátil-sinestésico através de uma prancha tátil. Anais do 28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Origens. Goiás, 2019.

POSCA, Luís Müller; AGRELI, João Henrique Lodi. Sinestesia, Arte e Deficiência visual: aplicação de um método didático-pedagógico para apreciação de pinturas por alunos não visuais na educação básica. **Revista Educação artes e inclusão**, Florianópolis, v.15, n.3, p. 08-33, 2019. <https://doi.org/10.5965/1984317815032019008>

POSCA, Luís Müller. **Criação de material de apoio para o ensino básico de Artes Visuais para alunos deficientes visuais**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.383>

SANTOS, Katharine Nataly Trajano; VIEIRA, Neff Borba Araquan; SILVA, Janaína Guimarães da Fonseca. O heteroterrorismo e as dissidências de gênero e sexual no espaço escolar. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v.14, n.43, p. 153-168, jan./jun. 2021. DOI: [10.3895/cgt.v14n43.12170](https://doi.org/10.3895/cgt.v14n43.12170)

SCHEFFER, José Vinícius de Melo; SOUSA, Antônia de Abreu. **O Ensino de Artes Visuais na Educação de Surdos**: Possibilidades e desafios na trajetória metodológica. *In*: I Congresso Ibero-americano de Arte, Museus e Inclusão. 2016.

5. ANEXO – O CORPO E OS SENTIDOS, UM MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

OS SENTIDOS E CORPO

**Um material didático para o ensino de artes visuais
na perspectiva da educação inclusiva**

Autor Vitor Grevy

Orientação Profa. Dra. Roberta Maíra Melo

Diagramado por Luísa Malta

Os sentidos e corpo

01

Introdução

- O que o corpo é? E o que os sentidos são?
- Este é um material didático criado para o ensino de artes visuais dos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Através dele, vamos aprender e conhecer um pouco mais sobre os nossos corpos e sentidos.



Os sentidos e corpo

02

Sumário:

1. O que é o corpo? 03
2. O que são os sentidos são? 18
3. O que é sensibilidade? 31
4. O tato e a pele 37
5. O paladar e o olfato 54
6. Um instalação sensorial 77
7. Referenciais 88
8. Ficha técnica 93

03

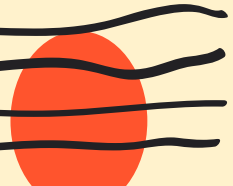
01

O que é o corpo?



O que é o corpo?

- O corpo é a estrutura física de nós humanos ou dos animais, geralmente dividida em três partes, a cabeça, o tronco e membros superiores e inferiores.
- Vocês sabem qual parte é qual?



As partes do corpo

- A primeira na parte superior é a cabeça, logo abaixo temos o pescoço que une a cabeça ao tronco.

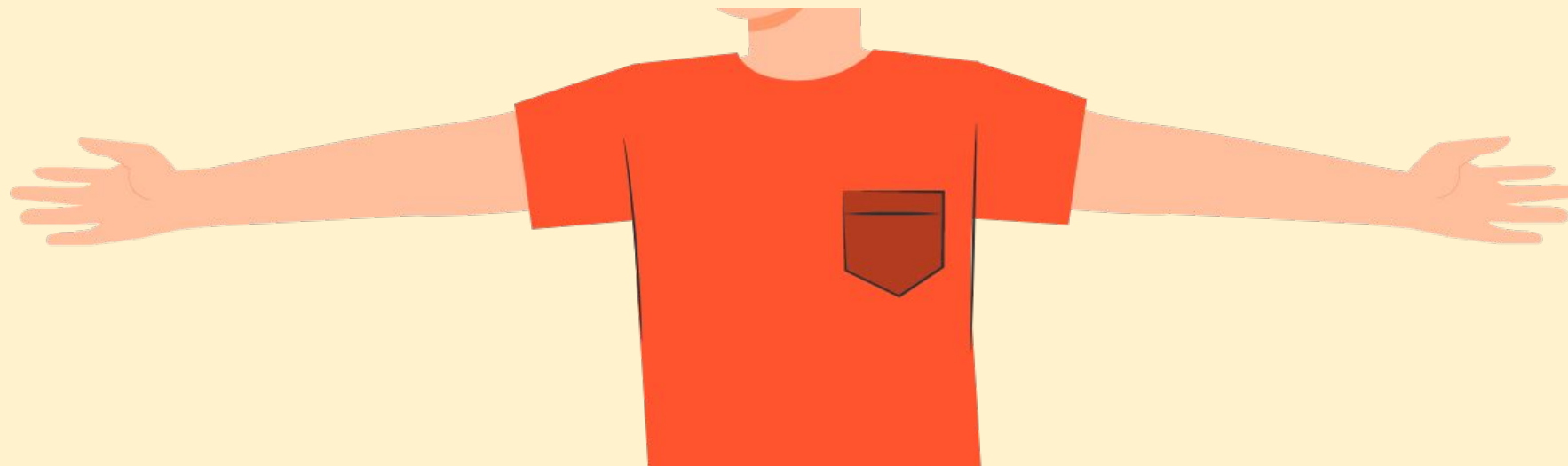


- A segunda parte é o tronco, ele vai da nossa cintura até o pescoço, na parte da frente está a barriga ou abdômen e logo acima o peito com caixa torácica e na parte de trás temos as costas.



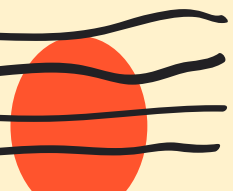
As partes do corpo

- Os ombros ligam o tronco aos membros superiores.
- A terceira parte, são os membros superiores nele temos o braço, o cotovelo, o antebraço, o pulso e as mãos. Conseguem perceber cada parte que eu estou falando?



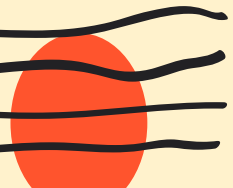
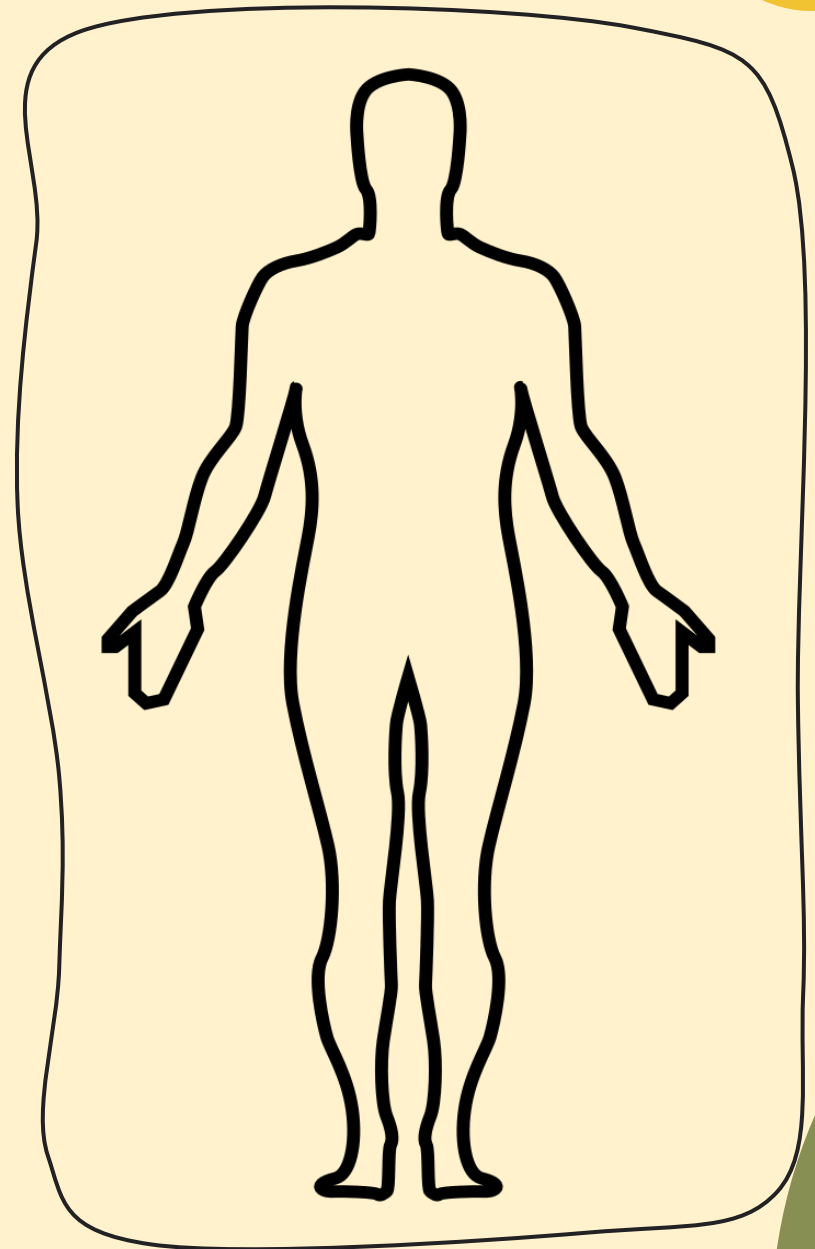
As partes do corpo

- A quarta estrutura são os membros inferiores, esta parte é composta pelos pés, tornozelos, canelas e panturrilhas, joelhos e as coxas.
- Entre o tronco e os membros inferiores temos o quadril que faz essa junção.



As partes do corpo

- Escolha quatro cores.
- Em seguida coloram cada parte corpo utilizando uma cor.



Atividade

- Com o uso do seu corpo você consegue perceber cada uma dessas partes, certo? Tem alguma parte que você acha mais importante? E a menos importante qual é e por quê?
- Quando você se movimenta é possível perceber algum som? Tem algum membro que dói mais quando você aperta?
- Qual é o mais mole? O cheiro do seu corpo são todos iguais?
- Após fazer esse exercício me conte sobre o que você aprendeu sobre o seu corpo.

Pergunta

- Todas as pessoas tem um corpo, e como aprendemos ele tem suas partes, e esse corpo é um corpo sensível, pois é ele nos permite que nós percebamos tudo o que está ao nosso redor.
- Vimos que ele tem uma estrutura, mas na opinião de vocês todos os corpos têm a mesma estrutura?



Resposta

- A resposta é não, existem pessoas que nascem sem um membro, ou com ele mal desenvolvido ou que ao longo da vida perderam algum deles.
- Vocês conhecem alguém assim?



Os sentidos e corpo

12

- Eu conheço, na minha família eu tenho meu sobrinho que nasceu com os pés tortos e hoje já melhorou bastante, eu também tinha a minha bisavó, que não cuidou direito da sua saúde e acabou perdendo uma perna.
- Apesar de não terem um membro ou ter ele mal desenvolvido ambos conseguiram andar, viver como nós, mas andavam de um jeito diferente com a ajuda de andador e bengala.



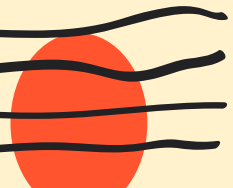
Para não esquecer

O importante é saber que independente de ter todos os membros ou só alguns não existe um corpo que seja melhor ou pior, eles são apenas diferentes e merecem ser respeitados assim como eles, nós também somos diferentes.



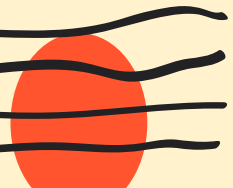
Pergunta

- Ainda que tivéssemos todos a mesma estrutura, todo corpo seria igual?



Resposta

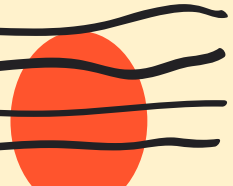
- A resposta também é não.
- Vamos ver por quê?
- Observe suas mãos, ou pode ser seus pés, é possível falar que são perfeitamente iguais?



Os sentidos e corpo

16

- Vou dar um exemplo observando as minhas mãos.
- Na minha mão direita eu tenho uma pinta já na mão esquerda não.
- Assim como dá para perceber também que na minha mão direita as pontas dos dedos são mais grossas e ásperas diferentemente da esquerda que são mais lisas.
- Vocês conseguem perceber esses detalhes nas mãos de vocês?



Para não esquecer

- Então todo mundo é diferente e essas diferenças existem até mesmo no nosso próprio corpo, como na palma da nossa mão.
- Imagina o mundo se fosse todo mundo igual, ia ser chato não é mesmo? O importante é saber que nossas diferenças nos fazem ser pessoas únicas no mundo todas devem ser celebradas.

02

O que são os
sentidos?



Os sentidos e corpo

19

O que são os sentidos?

- Os sentidos são os que nos permitem ver, captar os sons, os sabores, cheiros e toques.
- No total temos cinco sentidos, vocês sabem quais são?
- São a visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato.



Os sentidos e corpo

20

Pergunta

Geralmente a visão tem relação com os olhos, a audição com ouvidos, o paladar com a boca, o tato com as mãos e o olfato com o nariz. Certo?

Os sentidos e corpo

21

Resposta

- Errado.
- Como nosso corpo não é igual nossos sentidos também não são.
- Pensem numa comida, qualquer uma, se você reparar cada um vai perceber de uma maneira, por isso tem gente que gosta e gente que não gosta de determinado alimento.
- Da mesma forma que acontece com o corpo acontece com os nossos sentidos, eles são únicos para cada um de nós.

Os sentidos e corpo

22

Os sentidos

- Agora vamos falar de outra coisa, assim como um corpo pode não ter uma parte o mesmo acontece com os nossos sentidos, por exemplo tem pessoas que são cegas ou tem uma deficiência visual, mas isso quer dizer que elas não enxergam, elas só veem de outra forma.
- O mesmo vale para pessoas surdas ou que tenham baixa audição, apesar de não terem a audição isso não quer dizer que elas não ouçam, elas só ouvem de outra forma.



Os sentidos e corpo

23

Pergunta

- Vocês já imaginaram que existem outras formas de ver que não seja pelos olhos? Ou de ouvir? E se eu te contar que existe o que vocês achariam?



Os sentidos

- Para exemplificar o que estou falando vou apresentar para vocês o John Bramblitt. Ele é um artista cego que faz obras incríveis com suas mãos.
- John mora numa cidade chamada Denton que fica no Estado do Texas lá nos Estados Unidos, ele é homem cego, pintor e também trabalha como consultor para museus no desenvolvimento de programas para incluir todas as pessoas – independentemente de suas habilidades ou deficiências.



Os sentidos e corpo

25



Fonte Project Artist X

- John é esse moço da foto ao lado, ele é um homem branco, tem cabelos claros, quase loiros, com a raiz lisa e as pontas levemente onduladas. O seu rosto tem um formato redondo com as bochechas bem cheias, ele também tem um bigode na parte de cima da boca que faz uma linha de pelos indo até o queixo, conhecido como cavanhaque.
- Na foto ele aparece com a boca entreaberta usando óculos de sol pretos e com uma camisa preta.

Os sentidos e corpo

26

John Bramblitt

- No ano de 2001 John ficou cego, mas não desistiu de pintar, com o tempo ele aprendeu a diferenciar as tintas coloridas sentindo suas texturas com os dedos.
- Ele aprendeu sozinho a pintar usando linhas em relevo para ajudá-lo a se orientar na tela e através da visualização háptica, que é uma visão relacionada ao tato, dessa maneira ele consegue escolher as formas, as cores e dos desenhos que cria.

Os sentidos e corpo

27

John Bramblitt

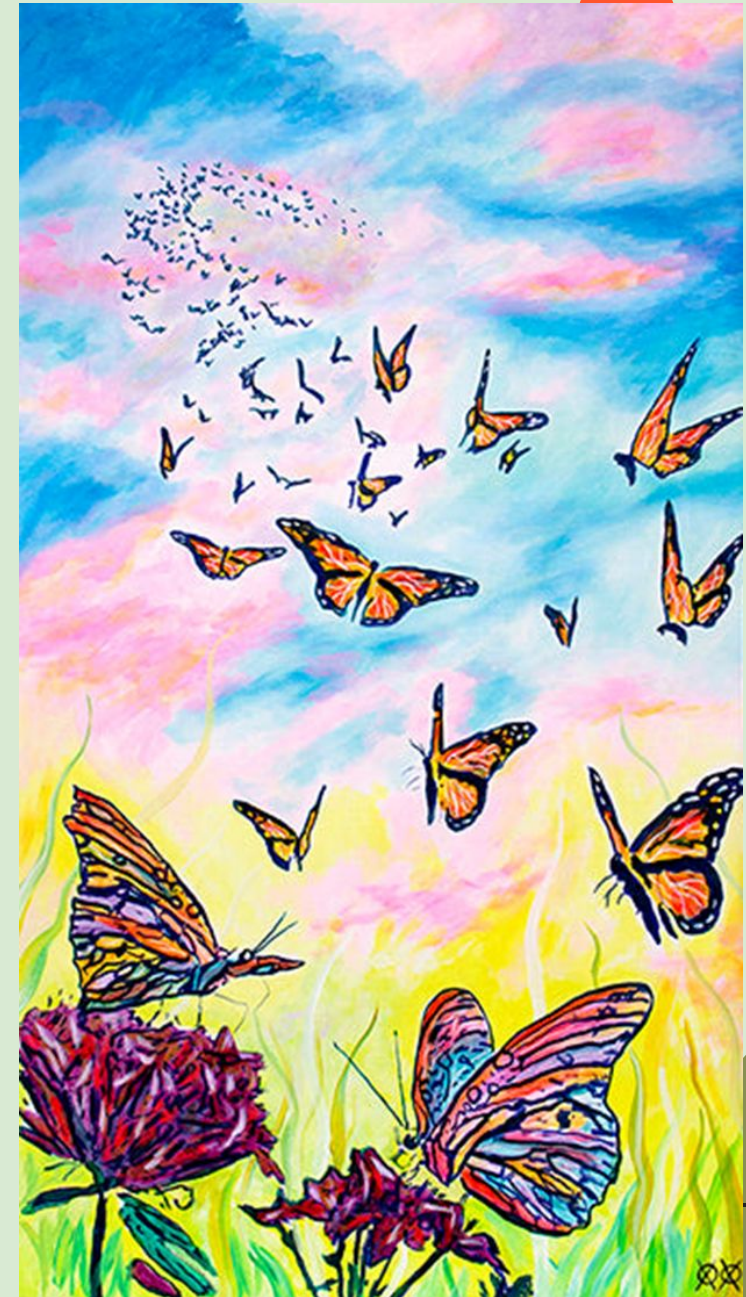
- E essa é forma como ele enxerga, é como se os olhos dele estivessem na pontas dos dedos, então para ele ver ele precisa tocar, ou as vezes que você descreva bem detalhado o que está acontecendo e aí é pelo ouvido que ele vê.
- Conseguem imaginar que o tamanho da sensibilidade que ele tem na mão?

Os sentidos e corpo

28

Leitura de Imagem

- Ao lado temos uma imagem do trabalho de John, falem sobre ela.
- Sobre as cores que utiliza, elas transmitem alguma sensação para você? Já viram algo parecido?
- Se você pudesse tocar, como você acha que seriam as asas das borboletas?
- Sobre a audição e o olfato, consegue imaginar o cheiro dessa paisagem e o som que ela tem?



Título borboletas ao vento
Fonte Site do artista

Os sentidos e corpo

29

Para não esquecer

Ao utilizarmos todos os sentidos para ver uma imagem conseguimos entender que um sentido pode estar relacionado ao outro, por isso é preciso estarmos atentos aos nossos sentidos e ao nosso corpo para sabermos tudo o que acontece quando vemos ou ouvimos alguma coisa.

Os sentidos e corpo

30

Atividade

- Pare o que está fazendo, feche seus olhos, respire e concentre no agora.
- Tente reconhecer o ambiente em que está, qual o som dele? E o cheiro? Através desse cheiro você consegue lembrar de alguma memória sua?
- Utilize o tato e nos fale qual é a textura? É possível associar essa textura a uma cor?
- Você consegue descrever esse ambiente através dos cinco sentidos que seu corpo tem?

03

O que é
sensibilidade?



A sensibilidade

- Sensibilidade é a capacidade de ter percepções conscientes do que lhe acontece e do que rodeia. Existem dois tipos de sensibilidade, vocês sabiam?
- A primeira tem relação com os nossos sentidos, por exemplo, frio, calor, arrepio, suor...



A sensibilidade

- A segunda que tem relação com as nossas emoções, por exemplo, a alegria, a tristeza, a dor, a saudades, o medo...
- E as duas sensibilidade estão relacionadas, vamos ver como isso funciona na prática?



Dança dos sentidos

- Proponho para vocês um jogo que se chama a dança dos sentidos, funciona assim.
- Eu vou falar algumas palavras e vocês vão usar o corpo e os sentidos para fazer uma dança.
- Serão o corpo e os sentidos expressando a sensibilidade de vocês.



Dança dos sentidos

- Vamos lá, dance a felicidade, a alegria, agora mais alegria, a chuva, a tristeza, a raiva. Agora mais difícil, dance o horário do recreio, o encontro de cachorros numa festa, um jogo de futebol.
- Reparem nas ações que fizeram, percebem que utilizam gestos, sons, movimentos, expressões a fala e muito mais para dançar essas palavras?
- Me fale quais sentidos vocês usaram para dançar, quais partes do corpo? Percebem que o nosso corpo fala? E o que ele disse em cada momento do jogo?



Dança dos sentidos

- Vamos lá, dancem a felicidade
- Agora, a alegria, agora mais alegria, a chuva, a tristeza, a raiva.
- Agora mais difícil, dancem o horário do recreio, o encontro de cachorros numa festa, um jogo de futebol.



04

O tato e a pele



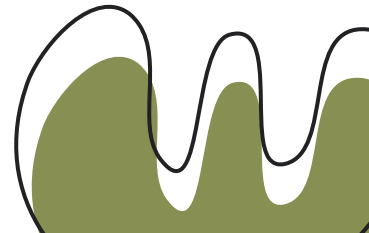
O tato e a pele

- O tato é o sentido responsável por sentir pressão, dor e até mesmo perceber as diferentes variações de temperatura.
- Os variados mecanismos de percebê-lo estão distribuídos ao longo do corpo todo pela nossa pele e não somente nas nossas mãos está bem?



Curiosidade

- Vocês sabiam que a nossa pele é o maior órgão do corpo e é composta por três camadas: epiderme, derme, hipoderme e é através delas que podemos nos relacionar com o meio externo.



Atividade

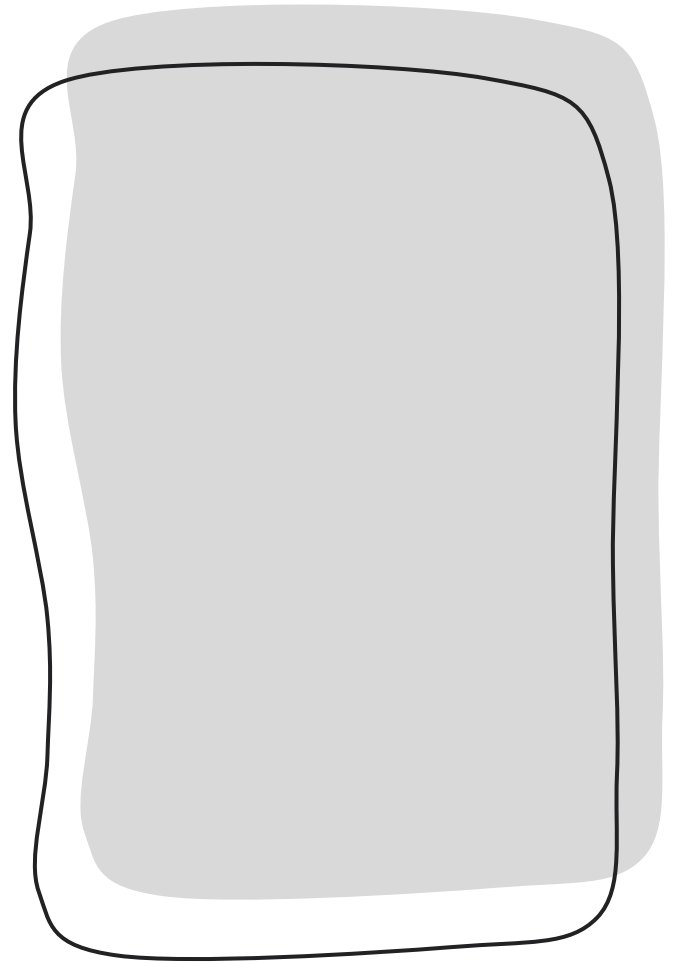
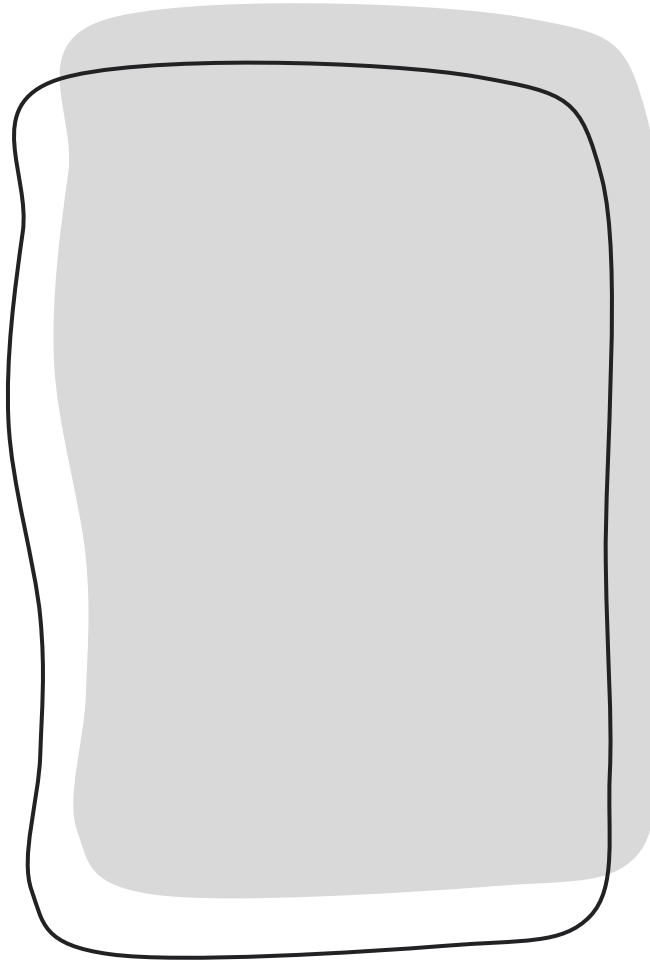
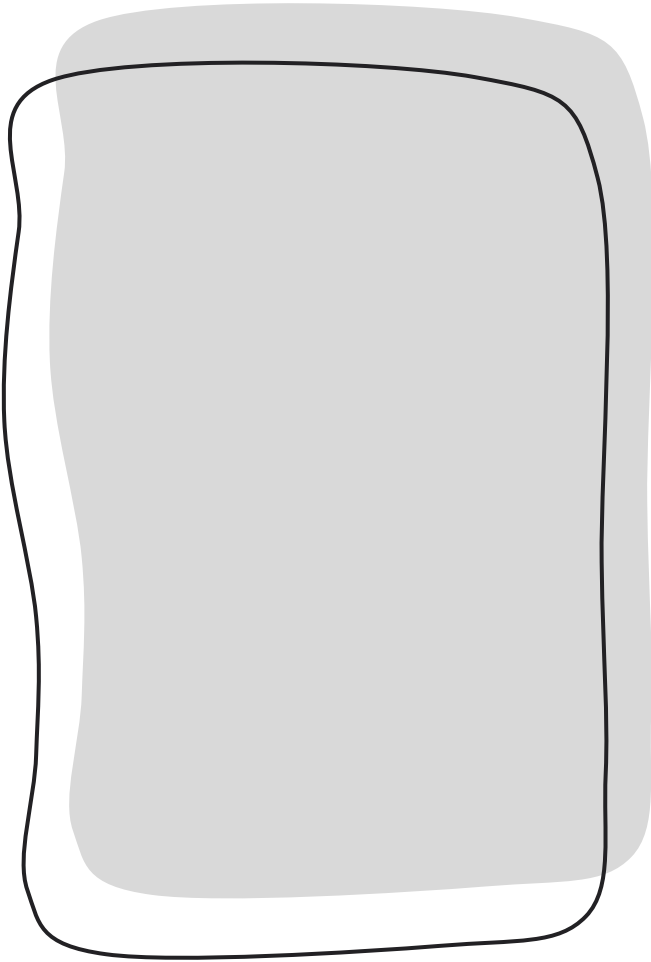
- Quantos tipos de pele você tem? Observe seu corpo e repare, a pele do dedo é igual a pele do braço?
- Quantos tipos de pele você tem? Observe seu corpo e repare, a pele do dedo é igual a pele do braço?
- E a pele do pé como ela é? Ela é grossa ela é fina? E a da canela? E a do pescoço? E a pele da cabeça?
- Utilize todos os seus sentidos para perceber a pele do seu corpo. pele, elas têm a mesmas cores? As mesmas texturas?

Atividade

- Agora que percebemos nosso corpo fotografe diferentes partes da sua pele.
- Em seguida vamos colar essas fotos e a partir disso fale no que elas se parecem e no que elas são diferentes?



Os sentidos e corpo



O tato e a pele

- Como podemos ver, dentro do mesmo corpo temos diferentes tipos de pele, ela tem desenhos, texturas, linhas e outras diferenças.
- E a pele do outro por mais que ela possa ser parecida ou diferente da sua ela consegue ser da mesma cor? Igualzinha o que você acha?

O tato e a pele

- Falamos sobre a pele e suas cores, agora eu trago para vocês o trabalho de uma artista muito bacana, ela se chama Adriana Varejão.
- Adriana nasceu no ano de 1964, na cidade do Rio de Janeiro e até hoje ela vive e trabalha lá.
- Ela é uma artista contemporânea brasileira muito conhecida tanto aqui no nosso país quanto no mundo inteiro, já fez muitos trabalhos e realizou diversas exposições nacionais e internacionais.



Os sentidos e corpo

45



- Ao lado temos uma foto de Adriana Varejão, ela é uma mulher, tem a pele clara e aparece com os cabelos cacheados na altura dos ombros.
- O seu rosto em um formato mais oval, não tão redondo quanto o rosto do Jhon e está com uma cara de séria.
- Na foto ela está sentada numa poltrona, vestindo uma camisa branca.

Fonte Roberta Jungmman

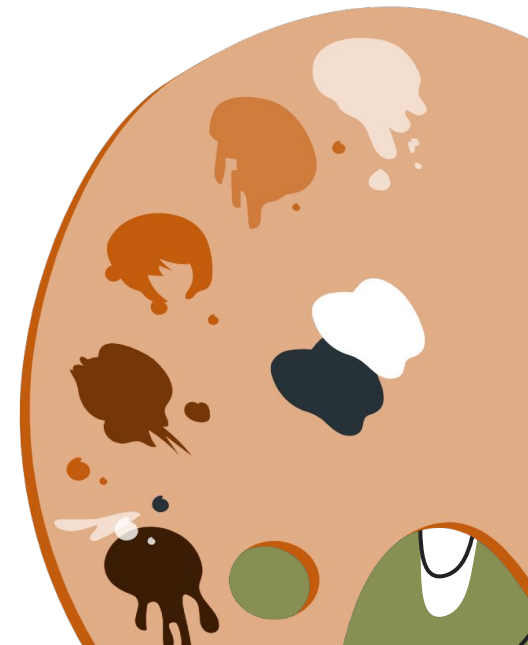
Adriana Varejão

- Vou contar a história de um trabalho dela, tem um instituto de pesquisa no Brasil que se chama IBGE, em 1976, este instituto realizou uma pesquisa perguntando para os participantes de que cor eles são.
- Nessa pesquisa obtiveram 136 cores diferentes como resposta, desde a cor bege, preta, branca, morena, até a cor burro quando foge, a queimada de sol, a café com leite dentre outras.
- A partir disso ela criou uma série de trabalhos chamados Polvo inspiradas nas diversas tonalidades de pele que essa pesquisa mostrou.



Adriana Varejão

- Um desses trabalhos se chama Tintas polvo, onde Adriana criou uma caixa de tintas com 33 cores a partir dos nomes que foram colocados na pesquisa do IBGE.
- Geralmente, nas caixas de lápis de cor existe uma cor que chamamos de “cor de pele”, conseguem saber qual cor estou falando?
- Pois bem, essa cor é tom de rosa bem claro e fraquinho, mas nós sabemos que cor da pele são várias cores, e que inclusive na mesma pessoa tem diferentes cores de pele e essa foi uma das intenções da artista, mostrar que existe uma variação de cores enormes para a pele de todos os brasileiros.



Os sentidos e corpo

48

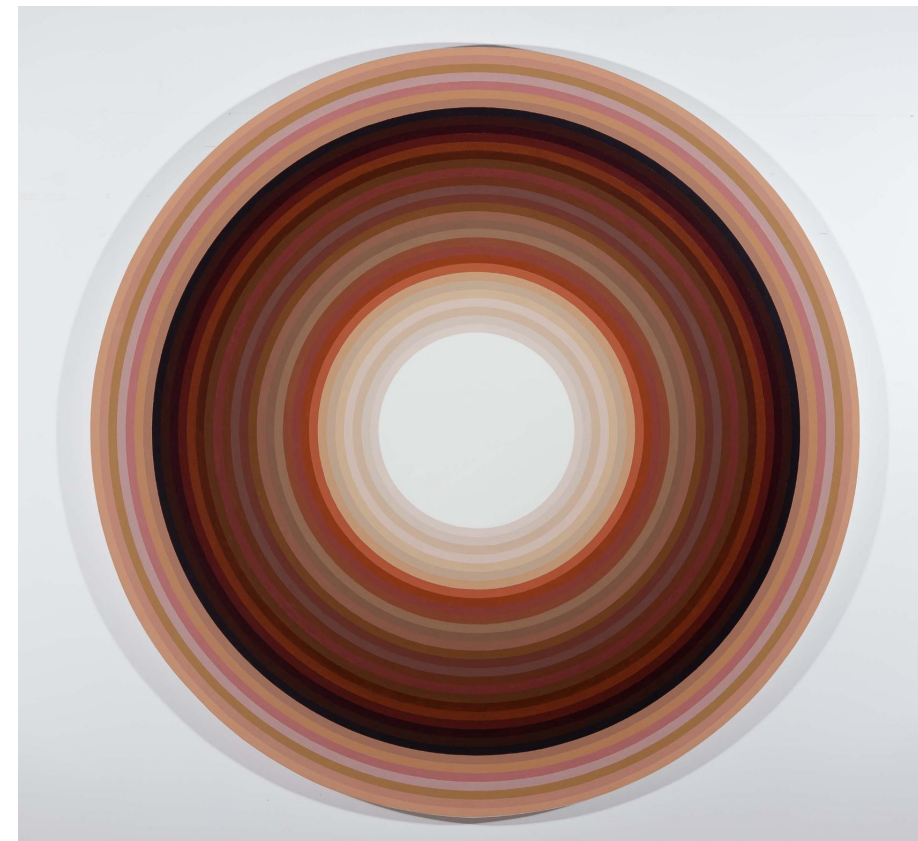


Tintas Polvo, 2013 Caixa de madeira com tampa de acrílico, contendo 33 tubos de tinta à óleo em bisnagas de alumínio
Fonte: site da artista

Leitura de imagem

- A partir dessas tintas polvo ela começa a fazer mais e mais trabalhos, tanto retratos como obras mais geométricas mostrando a relações entre essas cores.
- Como esse da foto ao lado.
- Agora preciso que vocês descrevem essa imagem, falem da forma, das cores, o que a imagem desperta em vocês?

Roda de cores grande Polvo, 2018, óleo sobre tela



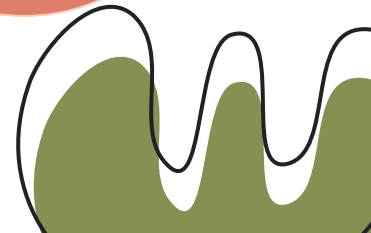
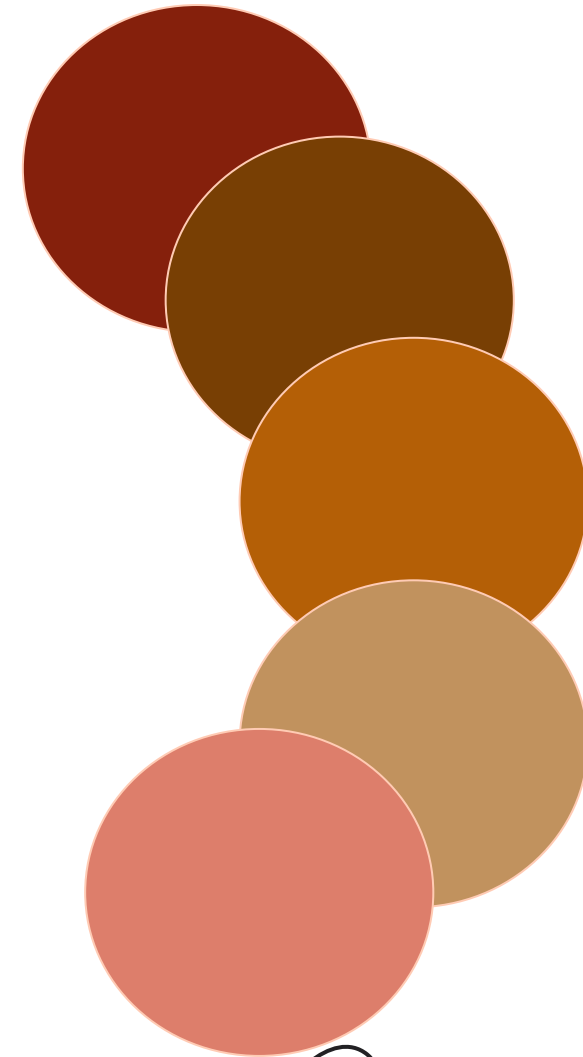
Fonte site da artista

As tintas Polvo

- Mas e vocês acham que ela quis mostrar com isso?
- Ela quis nos contar que existem infinitas cores de pele e que nenhuma é melhor e nem pior que a outra que apenas são cores diferentes, e lembra que a gente acha a diferença é legal?
- Então não faz sentido nenhum a gente desrespeitar alguém pela cor da sua pele, nem pelo seu corpo nem por nenhum outro motivo, não é mesmo?

Atividade

- Mas e para vocês? Se te perguntassem que de cor é a pele de vocês, qual seria a sua resposta?
- Vocês conseguem relacionar a sua cor com a cor de algum objeto, elemento, alimento ou outra coisa?
- Por exemplo eu acho que a minha cor parece a cor da areia quando chove, mas e a de vocês qual seria?



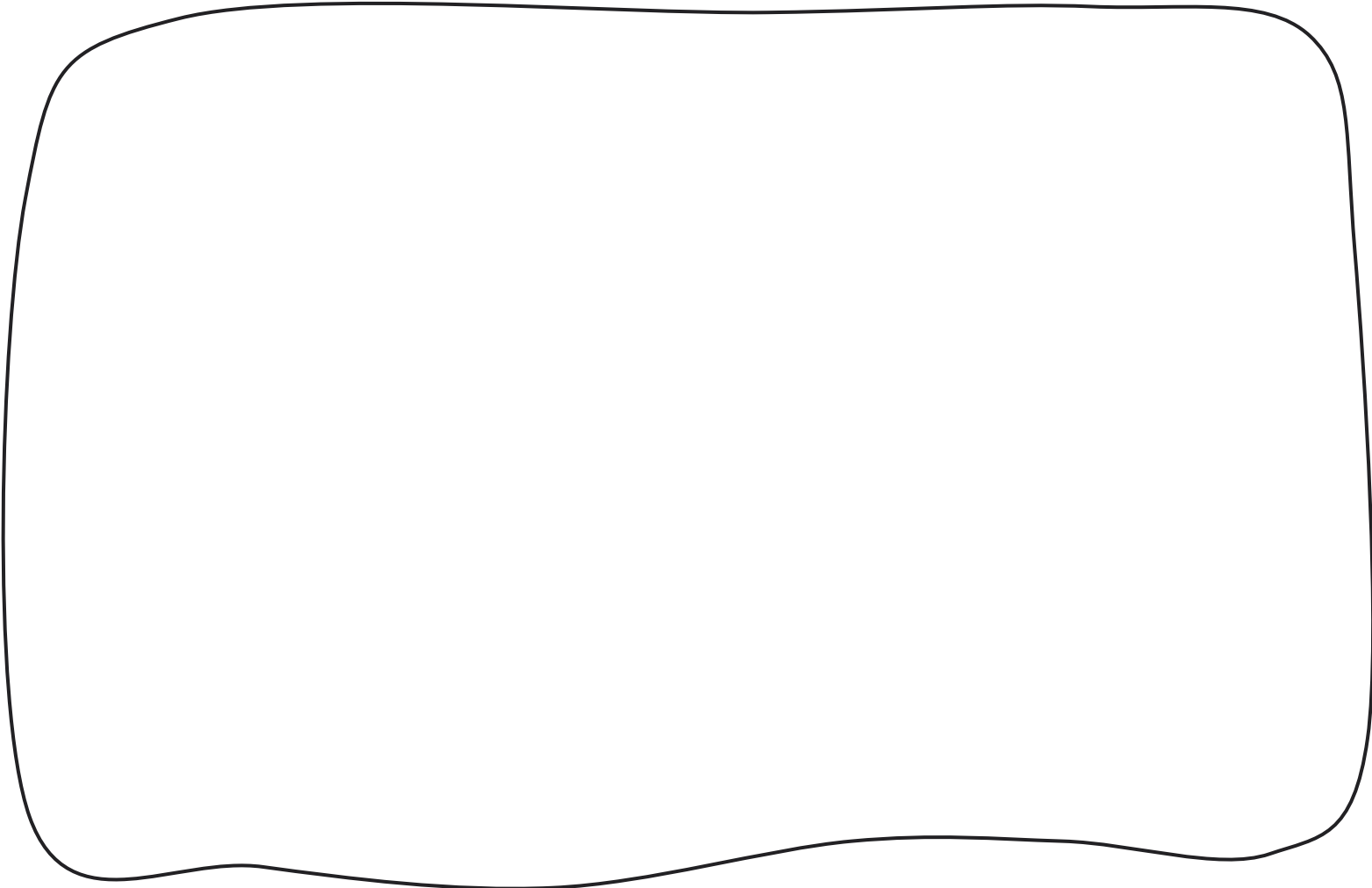
Atividade

- A partir da sua resposta vamos fazer uma atividade, vocês vão precisar ilustrar essa cor para gente, pode ser de qualquer forma, vale misturar tinta, ou pegar um tecido de uma camisa, um pedaço de recorte de uma revista, ou por punhado de areia, fiquem a vontade, podem usar qualquer material, abusem da criatividade de vocês.



Os sentidos e corpo

Atividade



05

O paladar e o olfato



Os sentidos e corpo

55

O paladar

- Este é o sentido que permite sentir os gostos dos alimentos.
- Nós percebemos e diferenciamos esses gostos pela nossa língua, nela temos as papilas gustativas que se espalham por toda a sua extensão.
- Vocês sabiam que existem 05 tipos de gosto? Sabe quais são?
- São o gosto doce, o amargo, o salgado, o azedo e umami. Esse último é diferente já conheciam ele?

Os sentidos e corpo

56

O paladar

- O sabor umami é composto por três principais substâncias presentes em diversos alimentos: glutamato, inosinato e guanilato, em japonês umami significa algo como saboroso.
- O sabor umami está presente em alimentos ricos em proteínas, principalmente aqueles que contêm glutamato e nucleotídeos, como carnes, frutos do mar, queijo, tomate e cogumelos.
- Mas sabe um outro sentido que influencia muito no paladar? Tem algum palpite?

Os sentidos e corpo

O olfato

- O sentido que influencia o paladar é o olfato, isso mesmo, por isso que quando estamos gripados parece que os alimentos tem menos sabor já reparam nisso?
- O olfato está atrelado ao nariz e ele que permite que consigamos distinguir os diferentes tipos de cheiros.
- Os cheiros são partículas ou substâncias que estão no ar, elas passam pelo nariz e lá dentro eles são percebidos por uma membrana, depois as células levam esse cheiro até o cérebro ele reconhece e manda um sinal para atuarmos.

O paladar e olfato

- Esses sentidos estão muito relacionados, é por isso que quando estamos gripados parece que os alimentos tem menos sabor, já repararam nisso?
- Outra coisa, sabiam que o paladar e o olfato protegem nossa saúde?
- Por eles conseguimos distinguir os cheiros e os gostos, por isso quando pegamos um alimento que está apodrecendo o cheiro é tão ruim ou o gosto é tão diferentes que eles já nos avisam que aquele alimento não vai nos fazer bem. Legal né?

O paladar e olfato

- Tirando o umami que é um gosto mais difícil de reconhecer vocês conseguem falar alimentos que são salgados, doces, amargos e azedos? Me fale alguns exemplos.
- E se eu te falar que a gente vai fazer um experimento e depois tudo vai acabar em virando tinta. Isso mesmo.



Os sentidos e corpo

60

Atividade

- Eu tenho aqui alguns alimentos que vocês não podem ver, existe aqui pedaços e punhados de diversos alimentos diferentes.

Com os olhos fechados, usando e com o olfato vamos tentar

- adivinhar o que são, percebam o tamanho, o peso, a textura, o aroma, o que vocês conseguem observar?

Atividade

- Em seguida, ainda de olhos fechados, vamos experimentar, agora, o importante é distinguir que gosto ele desperta na boca, as texturas dos alimentos? Qual foi o mais doce, o mais azedo, tem algum que tem mais de gosto?
- Agora podem ver aqui temos café, couve, rúcula, mel, sal, açafreão, limão, acerola, morango, manga, maracujá, banana e beterraba.



Os sentidos e corpo

62

Atividade

- Depois dessa experiência, conseguem saber quantos acertos fizeram?

Observem as cores os cheiros e os gostos?

- Vocês acham que o morango tem o gosto de qual cor, se fossemos colocar usar uma cor para definir esse gosto, será que iríamos a cor é vermelho mesmo?

Atividade

- Agora vamos para a segunda parte, a partir desses alimentos é possível que consigamos tirar a cor dele sabiam?
- E se acrescentarmos uma mistura cola e água conseguimos fazer uma espécie de tinta, umas ficam mais pigmentadas outras menos, cada uma vai ter uma propriedade. Lembrem do Jhon é pelas propriedades das tintas que ele diferencia as cores.



Atividade

- Para nossa atividade além dos alimentos também trouxe outros pigmentos, a terra e o carvão.
- Experimentem esses pigmentos, não vale comer está bem?



Curiosidade

- Sabiam que antigamente há muito tempo atrás na pré-história foram dessa forma que surgiram as primeiras pinturas, os seres daquela época utilizavam outros pigmentos e outros materiais para conseguir fazer “tinta”, mas o importante foi que eles conseguiram marcar suas impressões no espaço e no tempo.
- Uma delas ficou muito conhecida, nós não sabemos quem foram os autores, mas o fato é que foram muito importantes para a humanidade.



Leitura de imagem

- Observem essa imagem e descrevam, o que tem nelas?
- Quais as cores? Conseguem perceber se ela foi feita num papel, numa madeira ou numa pedra? Existe um movimento? Como podem perceber tem uma série de mão as vezes separadas, as vezes juntas e até sobrepostas? Da para imaginar um som? Conseguem reproduzir? Vamos tentar.



Fonte Revista Galileu

Os sentidos e corpo



Fonte Revista Galileu
Edição com recorte e ampliação

Carimbo pele e carimbo planta

- Agora, vamos criar e fazer nossa atividade chamada carimbo pele e depois a carimbo planta, ok?
- Fora a tinta que nós vamos criar vamos precisar de papéis diversificados e de diferentes tipos de folhas de plantas e claro vamos precisar do nosso corpo e dos nossos sentidos também.
- Como conversamos a pele é um órgão muito sensível, ela sente tudo, vamos prestar bastante atenção na relação desses materiais com o nosso corpo então, quero que fiquem bem atentos e observando o que seu corpo sente e diz em todo esse processo.

Os sentidos e corpo

69

Passo 01

- Vamos começar pelos papéis, observe-os, visualmente eles são diferentes né? Cada um tem uma especialidade, uma cor, uma textura, uma forma, agora que vocês perceberam isso vamos ver como o nosso corpo os percebe?
- Passe a mão cuidadosamente sobre cada papel, o que eles te falam? Tem um que é mais mole? Uma mais fino? Tem um que é bem lisinho? E poroso ou áspero tem algum?
- Depois que você viu e sentiu com as mãos veja se é possível sentir essas mesmas diferenças com as canelas, e aí o que perceberam? Vamos para o segundo passo?

Os sentidos e corpo

70

Passo 02

- Agora é a vez da tinta, vamos lá, vamos fazer a nossa própria tinta. Para isso já deixe tudo separado: água, cola e divida os alimentos por cor.
- Então ficamos com a cor preta extraída do carvão, a cor marrom escuro do café, um outro tom de marrom mais alaranjado da terra, a cor roxo meio rosa da beterraba, a cor vermelha do morango, de amarelo temos açafrão, maracujá, manga e banana e por fim cor verde da couve, da rúcula e do limão.

Passo 03

- Vamos misturar os pigmentos com a água e a cola, dá para fazer na mão ou com um liquidificador.
- Viram como é simples, essas tintas são naturais e tem pouco conservantes é normal que com o tempo ela vá desbotando, mas não tem problema.
- Agora que acabamos vamos observá-las com o corpo todo, que tal? Olhe bem e me falem sobre elas? Ficaram todas com as mesmas texturas? Qual é mais líquida e a mais grossa?



Passo 03

- Vamos passar um pouquinho de cada tinta na mão para ver como é, a partir de agora é muito importante que vocês não passem na boca Ok?
- Tenho certeza que vai ser divertido. A temperatura delas é a mesma? Qual a mais gelada e a mais quente?
- Estão vendo como nossos sentidos são poderosos, quando estamos atentos percebendo tudo com eles conhecemos as coisas de uma maneira muito mais profunda. Isso nos ajuda a compreender nosso corpo e nosso mundo melhor. Vamos para o passo 04.

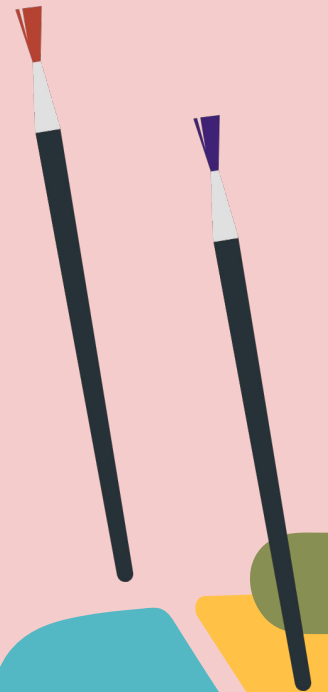


Os sentidos e corpo

73

Passo 04

- Agora é para ficar bem atento, reparando tudo que acontece, se faz cosquinha, se arrepia, se faz meleca...
- Escolha uma tinta, um papel e uma mão ou pé.
- Em seguida pegue o pincel, um rolinho, um pincel ou própria mão e espalhe a tinta sobre a parte sobre a sua mão e o seu pé, feito isso, você vai pressionar o papel sobre o seu corpo ou o corpo sobre o papel, espere uns segundos e de depois tire e observe o desenho que formou, pronto, fizemos um carimbo.



Os sentidos e corpo

74

Passo 04

- E aí o que achou? Ao olhar a pintura-carimbo você reconhece o seu corpo nele? O que essa pintura tem de parecido e de diferente da realidade? E essa pintura carregou as propriedades da tinta e da sua pele? E sua pele como que ficou? Está grudando?

Os sentidos e corpo

75

Curiosidade

- Nas artes tem vários elementos que estudamos como os pontos, as linhas, as cores e formas.
- Conseguem perceber esses elementos nos carimbos que realizaram?



Passo 05

- Agora vamos pegar essas mesmas tintas e usar com diferentes folhas de plantas, em seguida vamos fazer todo esse processo, só que ao invés de pintarmos a nossa mão ou pé vamos depositar a tinta nas folhas e carimbá-las no papel.
- A partir desse carimbo conseguem perceber os contornos, os pontinhos, as linhas, as formas.



06

Um instalação sensível

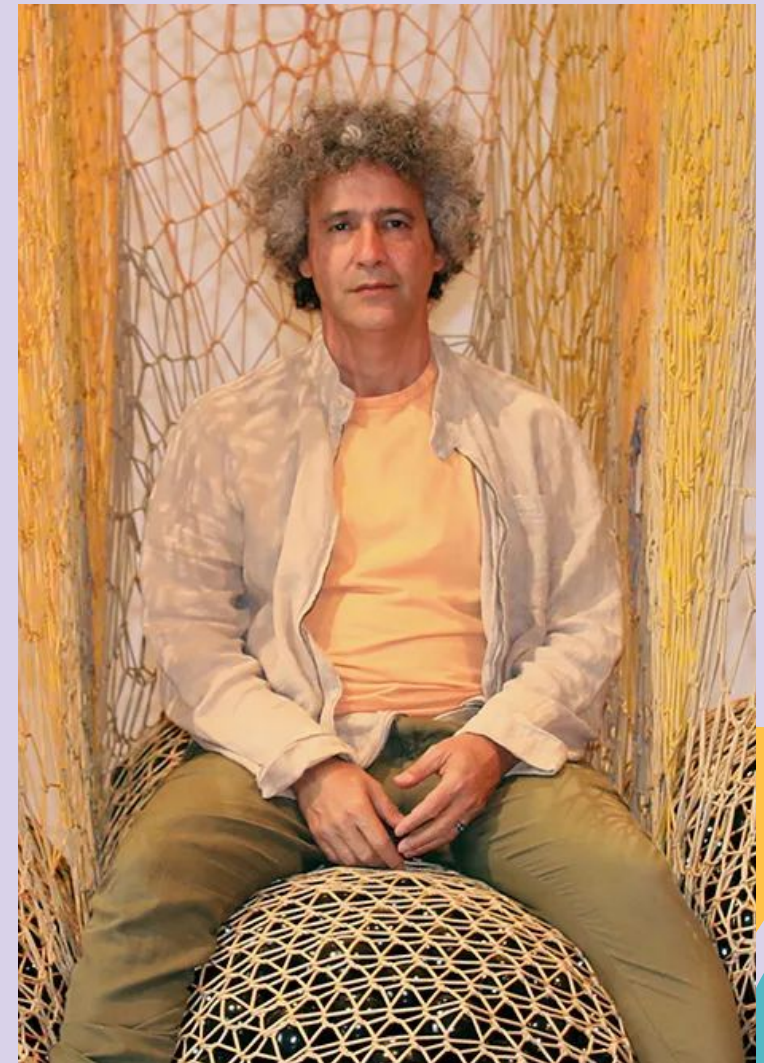


Ernesto Neto

- Agora vou apresentar para vocês um outro artista ele se chama Ernesto Neto.
- Ele nasceu no Rio de Janeiro, em 1964, ficou muito conhecido pelas esculturas e instalações que realiza, nelas ele explora de maneira formal e simbólica matérias diversas.
- Ele utiliza de materiais como linhas, tecidos, meias de poliamida e outros materiais mais flexíveis e do nosso cotidiano.

Ernesto Neto

- Ernesto é um homem de pele claro, tem os cabelos crespos e grisalhos, tem os olhos pretos e na foto aparece sentado junto com suas instalações.
- Ele veste uma calça bege, com uma camisa bege um pouco mais clara e uma camiseta amarela.
- Ao fundo tem uma instalação feita com cordas tramadas na cor amarela, como está muito perto artista e instalação se misturam.



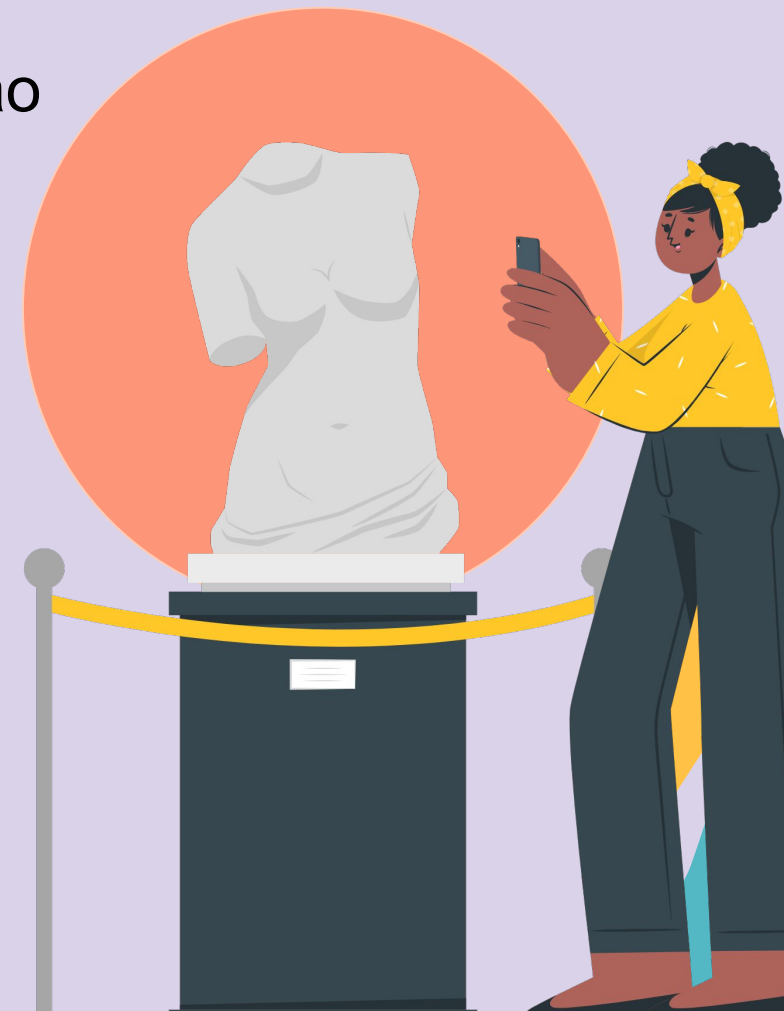
Fonte Zarpado

Ernesto Neto

- Mais tarde lá pelos anos de 1995, Ernesto Neto realiza esculturas nas quais emprega tubos de malha fina e translúcida, preenchidos com especiarias de variadas cores e aromas, como açafrão ou cravo da Índia em pó.
- Esses trabalhos fazem relação ao corpo humano, é como se o tecido fizesse relação com a nossa pele, e também estabelece formas sinuosas no espaço.
- Vamos sentir uma obra dele?

Curiosidade

- Geralmente nos museus é que temos as obras de arte dos artistas, como é um lugar de visitação e passa muita gente essas obras não podem ser tocadas, para não correr risco de danificar o trabalho do artista.
- Geralmente é assim, mas em alguns casos são diferentes, por exemplo o Ernesto tem vários trabalhos que não assim. Desse modo podemos tocar, sentir, manipular e por vezes até experimentar e ouvir o que as obras nos falam.



Leitura de imagem

- Esse trabalho é uma instalação muito grande ela ocupou a pinacoteca do estado de São Paulo.
- Para ter uma noção ela tem mais de dois andares de altura. E é possível que vocês transitem entre ela.
- Com o toque você pode pegar as tramas que fazem um lindo desenho.



Fonte Estadão

Leitura de imagem

- Se você caminhar é possível sentir cheiro de ervas aromáticas, além de que no chão tem alguns instrumentos que você pode tocar como chocalhos e tambores.
- Ao centro tem uma estrutura tramada que se assemelha ao tronco de uma árvore e se expande rumo ao céu.



Fonte Casa cor

Leitura de imagem

- Essa instalação é como se fosse um espaço ritual rumo a cura. Ela tem um valor simbólico, em um vídeo ele falar que a exposição é um espaço de cura e nela conseguimos transitar pelos nossos sentidos expandindo nossa sensibilidade.
- Num primeiro momento ele convida pessoas indígenas e religiões dos povos africanos para ativar a obra.



Fonte Casa cor

Leitura de imagem

- Mas e vocês, como fazem a leitura dessa obra?
- Quais sentidos ela pode despertar?
- Pensem nisso para nossa próxima atividade.



Fonte Catraca livre

A árvore dos sentidos

- Inspirados no trabalho do Ernesto Neto proponho de fazermos uma instalação, o nome dela vai ser a árvore dos sentidos e vamos fazer esse trabalho em conjunto.
- O primeiro desafio é que vocês tem que escolher uma árvore, feito isso vem o mais difícil.
- Vou pedir que vocês pensem e percebam essa árvore, ela tem som, tem cheiro, quais são as texturas, as formas e tudo mais. Depois vamos discutir e compartilhar nossas percepções.



A árvore dos sentidos

- Em seguida tenho mais um desafio, preciso que vocês intervenham nela de forma a despertar os cinco sentidos de quem passar por dela.
- A partir daí vocês vão escolher os materiais, os elementos, a forma como serão dispostos e organizados e vamos definir tudo até o dia da montagem.
- Essas e as próximas aulas serão trabalhando com essa instalação, o que acharam? Já tem alguma idéia?

07

Referenciais



Os sentidos e corpo

89

Referenciais

ADRIANA VAREJÃO. Site da artista. Disponível em: <http://www.adriनावarejao.net/br/home>
Acesso em: 27/03/2022

BRAMBLITT, JHON. Site do artista. Disponível em: <https://bramblitt.com/>
Acesso em: 27/03/2022

CATRACA LIVRE. Últimos dias de Ernesto Neto na Pinacoteca, 2020. Disponível em:
<https://catracalivre.com.br/agenda/estruturas-ludicas-feitas-de-tecido-ganham-exposicao-na-pinaca/>
Acesso em: 27/03/2022.

CRISTINA BRAVA. Retrospectiva de Ernesto Neto é a grande atração da Pinacoteca, 2020.
Disponível em:
<https://casacor.abril.com.br/arte/retrospectiva-de-ernesto-neto-e-a-grande-atracao-da-pinacoteca/>
Acesso em: 27/03/2021

Os sentidos e corpo

90

Referenciais

CRISTINA BRAVA. Retrospectiva de Ernesto Neto é a grande atração da Pinacoteca, 2020.

Disponível em:

<https://casacor.abril.com.br/arte/retrospectiva-de-ernesto-neto-e-a-grande-atracao-da-pinacoteca/> Acesso em: 27/03/2021

DOS SANTOS, VANESSA. Cinco sentidos. Biologia Net. Disponível em:

<https://www.biologianet.com/anatomia-fisiologia-animal/cinco-sentidos.htm#:~:text=Os%20cinco%20sentidos%20humanos%2C%20respons%C3%A1veis,%2C%20paladar%2C%20olfato%20e%20tato.&text=Os%20humanos%20possuem%20cinco%20sentidos,%2C%20paladar%2C%20olfato%20e%20tato.> Acesso em: 27/03/2021

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Ernesto Neto, 2019. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11848/ernesto-neto> Acesso em: 27/03/2022

Os sentidos e corpo

91

Referenciais

ESCRITÓRIO DE ARTE. Adriana Varejão. Disponível em:

<https://www.escrioriodearte.com/artista/adriana-varejao> Acesso em: 27/03/2022.

ESTADÃO. Exposição “Ernesto Neto: Sopro”,2019. Disponível em:

<https://bora.ai/sp/passeios/exposicao-ernesto-neto-sopro> Acesso em: 27/03/2022

FREITAS, ANA. As primeiras artistas: pinturas rupestres foram feitas por mulheres. Revista Galileu. Disponível em:

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT344484-17770,00.html> Acesso em: 27/03/2021

METRÓPOLIS. Exposição ‘Sopo’ | Ernesto Neto. Youtube, 08/04/2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FNHRkFRqNRk> Acesso em: 27/03/2022

Os sentidos e corpo

92

Referenciais

MUSEO MALBA. Soplo x Ernesto Neto, 2019. Disponível em:

<http://www.zarpado.com/soplo-x-ernesto-neto-museomalba/> Acesso em: 27/03/2021

PROJECT ARTIST X. John Bramblitt. Disponível em: <http://projectartistx.com/john-bramblitt/>

Acesso em: 27/03/2021

ROBERTA JUNGSMANN. Adriana Varejão traz nova mostra para Recife, 2019. Disponível em:

<https://robertajungsmann.com.br/2019/06/12/adriana-varejao-traz-nova-mostra-para-recife/>

Acesso em: 27/03/2022

Os sentidos e corpo

93

Ficha técnica

Autor:

Vitor Silva Grevy

Orientação:

Profa. Dra Roberta Maíra de Melo

Diagramação:

Luísa Malta

Ilustrações:

Story Set